INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO

O CONTROLE DE FRONTEIRA ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O MÉXICO NO GOVERNO TRUMP (2017-2020)

THOMÁZ VITOR COSTA FERNANDES DE SOUZA

Foz do Iguaçu
2023

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTEGRAÇÃO

O CONTROLE DE FRONTEIRA ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O MÉXICO NO GOVERNO TRUMP (2017-2020)

THOMÁZ VITOR COSTA FERNANDES DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e Integração

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Maria Spyer Dulci

Coorientadora: Profa. Dra. Larissa Fostinone Locoselli

Foz do Iguaçu
2023

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

SOUZA, Thomáz. **O CONTROLE DE FRONTEIRA ENTRE ESTADOS UNIDOS E MÉXICO NO GOVERNO TRUMP (2017-2020)**. 2023. Trabalho de Conclusão do Curso de Relações Internacional e Integração - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

AGRADECIMENTOS

À UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana) que me possibilitou visar questões que eu sempre tratei com extrema importância no âmbito pessoal como o conhecimento identitário, a busca por epistemologias representativas e o desenvolvimento de noções de responsabilidade sobre as produções científicas. Mas, para além disso, ao proporcionar um ambiente de troca de saberes que sempre refletiu o diálogo, respeito e o sentimento da integração latino-americano como componentes prioritários, o que engrandeceu significativamente minha trajetória acadêmica.

A minha orientadora Tereza Maria Spyer Dulci que foi compreensiva e colaborativa ao lutar pelo êxito deste trabalho de conclusão de curso comigo. E da mesma forma, à co-orientadora Larissa Fostinone Locoselli que também fez o possível para a melhor elaboração deste trabalho.

À professora Patricia Sposito Mechi que me convidou para participar do projeto de extensão "Realidade Latino-Americana", em 2019, no México. A experiência do projeto, sem dúvidas, mudou a minha a vida para sempre. Sou muito grato por ter compartilhado nesse momento único ao lado de alguém tão especial e amável como Patricia.

Aos meus queridos familiares que se provaram grandes apoiadores e incentivadores da minha graduação. Especialmente, a minha querida avó Maria José da Costa e a minha tão amada tia Cleuza Maria da Costa que com grande pesar não estarão aqui para comemorar essa nova etapa comigo.

Aos meus excepcionais amigos que me ajudaram muito nesse processo, Lerrique Aragão Paixão e Brenda Rodrigues Fernandes. Assim como, as minhas colegas unileiras, Layra Fabian Borba Rodrigues e Myrian Santos da Silva.

Por fim, o mais importante, aos meus pais, Maurício Vitor de Souza e Clarice Maria da Costa Souza, porque sem os dois nada disso seria possível. O amor e o suporte foram essenciais para que eu pudesse chegar até aqui. Paralelamente a isso, pontuo a importância da conclusão desse ciclo ao refletir sobre a obra de Andrea Hygino intitulada "Ensino Superior" no aspecto da luta em comunhão com a minha família, já que a partir da interpretação de Lílian Farrish sobre a obra, a elitização do ensino superior representa para muitos o "sentar no colo" de diversas gerações até finalmente alcançar um lugar à mesa para escrever a própria história. E, deste modo, celebro a conquista desse momento depois de gerações, o que é revolucionário e emancipador.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo tratar a questão do controle migratório dos Estados Unidos na fronteira com o México durante o governo de Donald Trump (2017-2020). Procuramos estudar como Trump construiu uma narrativa de securitização a respeito da entrada de imigrantes ilegais mexicanos por meio de um discurso xenófobo e racista. Dessa forma, o trabalho analisa alguns discursos de Trump desde o anúncio de sua candidatura (2016) até o fim de seu mandato (2020). Igualmente, buscamos evidenciar o desrespeito à Declaração Universal dos Direitos Humanos nas medidas adotadas pelo controle de fronteira estadunidense. Para tanto, o marco teórico que se pretende utilizar são os referenciais do campo de estudos sobre segurança, particularmente o conceito de securitização elaborado pelos teóricos da Escola de Copenhague, Barry Buzan e Ole Waever. E, por fim, faremos uma exposição de algumas ações midiáticas feitas por organizações internacionais, ONGs e grupos artísticos que atuaram como resposta ao posicionamento de Trump.

Palavras-chave: Imigração Ilegal; Securitização; Xenofobia; Racismo; Trump.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

RESUMEN

El presente trabajo de conclusión de curso tiene como objetivo abordar el tema del control migratorio estadounidense en la frontera con México durante la administración de Donald Trump (2017-2020). Buscamos estudiar cómo Trump ha construido una narrativa de securitización respecto a la entrada de inmigrantes ilegales mexicanos a través de un discurso xenófobo y racista. De esta manera, el trabajo analiza algunos de los discursos de Trump desde el anuncio de su candidatura (2016) hasta el final de su mandato (2020). Igualmente, pretendemos a exponer violaciones a la Declaración Universal de los Derechos Humanos en las medidas adoptadas por el control fronterizo estadounidense. Para ello, el marco teórico que pretendemos utilizar son las referencias del campo de los estudios de seguridad, en particular el concepto de securitización elaborado por los teóricos de la Escuela de Copenhague, Barry Buzan y Ole Waever. Por último, expondremos algunas acciones mediáticas llevadas a cabo por organizaciones internacionales, organizaciones no gubernamentales y grupos artísticos que han actuado como respuesta a la postura de Trump.

Palabras clave: Inmigración ilegal; Securitización; Xenofobia; Racismo; Trump.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO:

Gráfico 1 – Gráfico da Concentração de Renda no México 26

FIGURAS:

Figura 1 – Abrigo de menores de idade que foram separados de familiares 39
Figura 2 – Abordagem dos imigrantes ilegais 40
Figura 3 – Mulher hondurenha amamentando sua filha 41
Figura 4 – O choro de desespero pela separação da mãe 41
Figura 5 – A capa da revista TIME 43
Figura 6 – "Teeter-Tootter" 50
Figura 7 – "Muro da Irmandade" 51
Figura 8 – "Mesa de jantar" 52

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACLU	União Americana pelas Liberdades Civis
ACNUR	Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
CBP	*Customs and Border Protection*
COMECON	Conselho para Assistência Econômica Mútua
DHS	*Department of Homeland Security*
DIT	Divisão Internacional do Trabalho
ESI	Estudos de Segurança Internacional
EUA	Estados Unidos da América
GATT	Acordo Geral de Tarifas e Comércio
GCM	Pacto Global para Migrações Seguras, Ordeiras e Regulares
HSS	Departamento de Saúde e Serviço Social
ICE	*Immigration and Customs Enforcement*
INS	*Immigration and Naturalization Service*
IRCA	*Immigration Reform and Control Act*
OI	Organização Internacional
OIM	Organização Internacional para a Migração
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USCIS	*US Citizenship and Immigration Services*

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9

2. A GUERRA FRIA E A PERSPECTIVA HEGEMÔNICA DOS ESTADOS UNIDOS 13

2.1. A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A AMÉRICA LATINA NA GUERRA FRIA 17

2.2. O DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO DO FLUXO MIGRATÓRIO DO MÉXICO PARA OS ESTADOS UNIDOS APÓS A GUERRA FRIA 21

2.3. OS DEPARTAMENTOS DE SEGURANÇA NA FRONTEIRA E A LEGISLAÇÃO ANTI-IMIGRAÇÃO NO FINAL DA GUERRA FRIA 28

3. A SECURITIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO NO CONTROLE DE FRONTEIRA ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O MÉXICO 30

3.1. A ESCOLA DE COPENHAGUE E A SECURITIZAÇÃO 30

3.2. OS ESTADOS UNIDOS E O PROCESSO DE SECURITIZAÇÃO 32

3.3. A EXPOSIÇÃO MIDIÁTICA DA POLÍTICA DE TOLERÂNCIA ZERO 36

4. OS DISCURSOS DE TRUMP SOBRE A QUESTÃO MIGRATÓRIA 44

4.1. O PAPEL DAS ENTIDADES MIDIÁTICAS NO COMBATE AO DISCURSO CONTRA O MIGRANTE 44

4.2. O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS, ONGs E AS AÇÕES ARTISTICAS NO COMBATE AO DISCURSO CONTRA O MIGRANTE 47

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 53

REFERÊNCIAS 55

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

1. INTRODUÇÃO

Nos Estados Unidos ocorreram episódios de violações dos Direitos Humanos contra o imigrante latino-americano durante os procedimentos de controle de fronteira no decorrer do governo de Donald Trump (2017-2020), sendo isso, resultado de uma política anti-imigratória aplicada no país (CUNHA, 2018).

No geral, os imigrantes latino-americanos que atravessam a fronteira ilegalmente caracterizam-se como um grupo de pessoas que tem a necessidade deixarem seu país de origem em função de problemas econômicos, situação não considerada na categoria de refúgio, mas comumente verificada entre os casos de solicitação de refúgio a serem avaliados. Trata-se dos chamados migrantes econômicos ou refugiados econômicos, que buscam uma melhor vida financeira e não se enquadram nas hipóteses legais de reconhecimento do status de refugiado (JUBILUT, 2007, p. 29-30). Conforme indica a ACNUR:

> São pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados (ACNUR).

Nesse sentido, é importante ponderar que apesar de ser esta a posição oficial dos Estados e de organizações internacionais, como a ACNUR, existe uma parcela de estudiosos que defende o acolhimento para essas pessoas como refugiados, justificando tal assertiva pela concepção de que a pobreza está diretamente ligada ao nível de respeito aos direitos humanos, e, portanto, haveria uma falta de cuidado e proteção do Estado de origem dessas pessoas em relação a elas, que daria margem ao reconhecimento do status de refugiado. Essa lógica defendida por esses estudiosos está atrelada a relação intrínseca entre direitos civis e políticos e direitos econômicos, sociais e culturais, como consagrada na década de 90 do século XX (JUBILUT, 2005, p. 123-154).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1848) profere em seus artigos: “Artigo XIII: 1. Toda pessoa tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. 2. Toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar”; “Artigo XIV: 1. Toda pessoa, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países”; “Artigo XV: 1. Todo homem tem direito a uma nacionalidade” (OFFICE OF THE UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR HUMAN RIGHTS, 1848). E, portanto, esses direitos garantidos pelos direitos humanos no âmbito do direito internacional contemplam esses refugiados latino-americanos

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

independentemente da categoria aplicada pelos organismos internacionais e pelos Estados nacionais.

Entretanto, desde a campanha de Trump, marcada pela retomada do slogan de Ronald Reagan, "*Make America Great Again*", foram proferidos diversos discursos de apelo ao nacionalismo estadunidense por meio de expressões simbólicas, como "América para os americanos", que já sinalizavam uma narrativa alarmante quanto à questão do controle de fronteira estadunidense, dado que esses discursos eram pautados em expressões de cunho xenófobo e racista que reforçavam o estereótipo de que todos, ou grande parte, dos imigrantes latino-americanos que chegavam pela fronteira sul do país eram terroristas e prejudicariam os Estados Unidos, como exposto no seguinte trecho:

> Eles não estão nos enviando as suas melhores pessoas. E são pessoas provenientes de outros países, não só do México. Temos traficantes de drogas vindos de outros países, temos estupradores, temos assassinos. Você acha que eles vão nos enviar suas melhores pessoas? A resposta é não (TRUMP, 2015).

Esta fala marca o dia em que foi anunciada sua candidatura, sendo que a partir dela é possível perceber como Trump conduziria seu nome ao pleito eleitoral, reduzindo e generalizando a figura do imigrante mexicano e dos demais imigrantes latino-americanos como sinônimos de "traficantes" e "estupradores". Com isso, o presidente projetava o medo no imaginário da população estadunidense e estimulava a rejeição à inclusão dos imigrantes mexicanos e das demais nacionalidades latino-americanas nos Estados Unidos (CARTA CAPITAL, 2017).

Somam-se a isso, algumas promessas que também causavam grande preocupação. Em virtude de que durante esse período feito à promessa política da construção de um muro ao longo dos 3.200 km de fronteira dos Estados Unidos com o México, a fim de conter o fluxo migratório ilegal dessa região. No entanto, a ideia era que o México se responsabilizasse e pagasse por essa construção, justificando que era uma questão de responsabilidade do país mexicano garantir que esses imigrantes mexicanos e de outras nacionalidades não atravessassem a fronteira, impedindo assim o grande esquema de travessia ilegal que conta com o suporte dos "coiotes", apelido designado aos contrabandistas de migrantes responsáveis por realizarem a travessia do México até o território estadunidense (FERNÁNDEZ, 2023).

Quando eleito, Trump enfrentou grande resistência por parte do congresso na busca de fundos orçamentários para a construção do muro, isso porque o investimento dessa construção estava sendo feito pelo próprio país estadunidense e não pelo México. Isso porque o

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Congresso dos EUA se recusava a incluir no orçamento do país verbas destinadas à construção desse muro, enquanto Trump se negava a aprovar uma lei de segurança nas fronteiras que não incluía recursos da ordem de US$ 5,7 bilhões para a realização de sua obra que foi uma de suas principais promessas de campanha em 2016 (MARS, 2019). O cenário desarmônico composto pela postura irredutível do representante do executivo e por um congresso preocupado com outras questões resultou na paralisação mais longa desde o governo de Bill Clinton, deixando um quarto do governo sem funcionar e 800 mil servidores públicos sem receber nesse tempo (TURIONI, 2019).

Este período ficou marcado pela Política de Tolerância Zero de Trump e representou vários episódios de violência aplicada à imigração ilegal na fronteira sul do país estadunidense, tal qual a separação de crianças de seus responsáveis devido à conduta legislativa da época, que permitiu com que todo o imigrante ilegal fosse processado criminalmente. Essa política foi massivamente criticada pela imprensa internacional e movimentos artísticos. As Organizações Internacionais e ONGs também criticavam a postura de Trump por estar infligindo os princípios da dignidade do ser humano, mas também indo no sentido contrário aos tratados universais de proteção e garantias às crianças e aos adolescentes, a importância da base familiar e de sua integridade física e psicológica (GUIMON, 2017).

A questão migratória na fronteira entre os Estados Unidos e México também explora outro ponto sensível, quando analisamos que os imigrantes que se expõem nas rotas ilegais para atravessarem para os EUA estão em condição de fuga de realidades de extrema miséria, fome e pobreza (KITROEFF; TURKEWITZ, 2023). E, deste modo, mesmo não sendo considerados refugiados também se encontram em uma posição de inviabilidade de retorno pelo cenário de extrema de pobreza e ausência da dignidade humana.

Assim, esta pesquisa busca explicitar a grave violação à Declaração Universal dos Direitos Humanos que aconteceu durante a implementação da Política de Tolerância Zero de Trump no que tange à conduta aplicada perante a entrada ilegal dos imigrantes latino-americanos, conforme apresentado pelo artigo XIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que compete ao direito à mobilidade internacional. Soma-se a isso, o tratamento violento com as crianças imigrantes latino-americanas mediante os casos de separação das crianças de seus responsáveis em que ambos eram encarcerados, o que configurou uma grave violação aos tratados e convenções internacionais de proteção às crianças, mas, principalmente, à Convenção dos Direitos das Crianças, instrumento protetivo do qual o EUA foi signatário, mesmo não o tendo ratificado.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Após essa introdução ao tema será abordado um panorama histórico da Guerra Fria sob a perspectiva da ascensão hegemônica dos Estados Unidos e a sua relação com a América Latina. Depois disso, o foco será direcionado para a compreensão do período pós Guerra Fria e com o advento da Nova Ordem Mundial, buscando entender as consequências político-econômicas da Guerra Fria, principalmente, para o México e as nacionalidades em destaque na imigração ilegal pela região fronteiriça e bem como o desenvolvimento da política migratória. Por fim, será pensada a legislação na década de 80 até o governo George Bush, assim como algumas agências governamentais relevantes nesse âmbito de fronteira.

No capítulo seguinte, será trabalhado o movimento de transição entre o realismo e o construtivismo nas Relações Internacionais para adentrar a apresentação da Escola de Copenhague e apresentar o conceito da securitização, a partir do qual analisaremos o fenômeno no governo Trump e a política da Tolerância Zero. Em seguida, debateremos como a Tolerância Zero de Trump foi introduzida pela mídia, em abril de 2018, e o impacto gerado no mundo e no sistema internacional.

Por fim, no último capítulo, analisaremos como os discursos propagados por Trump foram reverberados pela mídia e organismos internacionais, como as Organizações Internacionais (OIs) e as Organizações Não-Governamentais (ONGs), além dos projetos artísticos que ajudaram a promover o combate ao discurso securitizador de Trump.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

2. A GUERRA FRIA E A PERSPECTIVA HEGEMÔNICA DOS ESTADOS UNIDOS

O historiador brasileiro, Moriz Bandeira, descreve o período da Guerra Fria como um período que corresponde à consolidação do império estadunidense que emergiu após a Segunda Guerra Mundial (BANDEIRA, 2005). Nesse contexto, os Estados Unidos foram responsáveis pela propagação do capitalismo mediante o processo de acumulação e expansão mundial baseada em questões econômicas e políticas, correspondendo a um "sistema de vasos comunicantes" entre todas as regiões industrializadas, agrícolas, pré-capitalistas e não-capitalistas ao redor do mundo (BANDEIRA, 2016, p.27). Diante desse panorama, outra potência que competia no sistema internacional com os EUA era a União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) (BANDEIRA, 2016, p. 58-65).

Nesse período, era vigente o realismo que pregava o Estado como ator central e a necessidade de busca pelo balanceamento de poder a fim de estabelecer um equilíbrio de poder dentro do sistema internacional que proporciona uma maior tendência à manutenção da paz. No entanto, o sistema internacional era regido essencialmente pelo realismo em sua corrente clássica e, posteriormente, daria lugar à vertente neorrealista, que unia a ontologia realista à epistemologia moderna, assim como se observava as relações políticas dessa época, intrinsecamente ligadas ao interesse de assegurar a defesa às ameaças (DAGIOS, 2011, p. 275-285).

De acordo com o realista europeu Hans Morgenthau "A meta imediata da ação política é o poder, e o poder político é o poder sobre as mentes e as ações dos homens" (MORGENTHAU, 2003, p. 103). Seguindo essa linha de raciocínio, o mesmo autor discute o comportamento pragmático dos Estados e suas ações políticas no sistema internacional, pontuando que devido ao fato dos Estados não confiarem nos demais escolhem ser egoístas conforme a síntese realista do conceito de natureza humana de Hobbes (1983) e Maquiavel (2001), que compreende a natureza egoísta dos Estados, a qual os motiva a buscarem apenas os seus interesses, como reflexo da natureza dos seres humanos e se preocupar somente com seu próprio bem-estar e interesses, mas também pelo fato de que assume que o sistema internacional é anárquico ao entender que não existe nenhuma instituição supranacional que tenha o papel de controlar ou vigiar esses Estados. A partir disso, é possível compreender as razões levaram os Estados Unidos desde o discurso de Truman, em 1947, a solicitar o aumento de verba para conter o avanço do socialismo foi dada a largada para uma intensa disputa hegemônica entre Estados Unidos e URSS no sistema internacional (METRI, 2014, p.88).

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Os EUA buscavam se sobressair com seu projeto ideológico global capitalista diante do projeto socialista soviético a fim de garantir seu domínio hegemônico. Uma parte considerável da insegurança dos EUA vinha da conquista da tecnologia nuclear por parte dos soviéticos, que, oito anos após a catástrofe atômica de Hiroshima, já tinham suas próprias armas nucleares, evoluindo, nos anos seguintes, para uma fervorosa corrida armamentista entre essas nações e, dessa forma, o socialismo poderia sucumbir com os interesses estadunidenses (XAVIER et al, 2017). Logo, diante dessa possibilidade, uma ideologia anticomunista foi traçada em novo formato de guerra que acontecia por meio de busca de apoio e influência, dada a inviabilidade de um conflito direto entre EUA e a URSS pelo significativo poderio nuclear de ambas as potências. Este quadro exigia uma organização por parte das potências hegemônicas de embates a partir de suas respectivas zonas de influência.

No ano de 1949, fundou-se a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) uma ação político-militar estadunidense que formou alianças militares a fim de garantir a segurança em caso de ataque, além de fortalecer por meio de uma aliança o anticomunismo do para o chamado “primeiro mundo” e sob a mesma justificativa de segurança foi assinado o Pacto de Varsóvia entre União Soviética e seus aliados, do “segundo mundo” (FIGLINO, 2022, p.5-7).

No âmbito da Europa a OTAN possuía como países aliados: Grécia, Bélgica, Itália, França, Alemanha Ocidental, Holanda, Áustria, Dinamarca, Inglaterra, Suécia, Espanha (NATO, 2012). Em contraposição ao Pacto de Varsóvia são: Polônia, Alemanha Oriental, Iugoslávia, Tchecoslováquia, Albânia, Romênia (PRADO, 2008, p. 61). Enquanto os Estados Unidos centravam-se na reconstrução econômica da Europa Ocidental por meio do Plano Marshall, de 1947 (PRADO, 2008, p. 63). A URSS criar a Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON), em 1949, a fim de integrar economicamente as nações aliadas e, deste modo, estimulando a cooperação econômica (SECCHI; FUHR, 2018).

A partir disso, se dava início a uma série de conflitos indiretos entre o modelo capitalista liderado pelos EUA e o modelo de socialismo da URSS, destacando-se a Guerra Civil Chinesa (1950), a Guerra da Coréia (1950), a Guerra do Vietnã (1959) e a Guerra Soviético-Afegã (1979). Os Estados Unidos da América carregavam a bandeira ideológica do capitalismo em nome da democracia e da liberdade, enquanto a URSS defendia a doutrina socialista apregoando o protagonismo do proletariado e a solução dos problemas sociais. Dessa forma, esses dois polos competiam em suas diferentes perspectivas em relação ao modo de produção, à visão política e à linha ideológica a serem difundidas em suas áreas de

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

influência. Nesse sentido, é possível visualizar a narrativa que legitimava a intervenção internacional por parte dos Estados Unidos:

> A confrontação da Guerra Fria forneceu fórmulas fáceis para justificar ações criminosas ao nível externo e o entrincheiramento do privilégio e do poder do Estado em casa. Sem a necessidade inoportuna de consideração e evidência crível, apologistas em ambos os lados puderam explicar reflexivamente que, mesmo lamentáveis, os atos foram empreendidos por razões de "segurança nacional" em resposta à ameaça do super poderoso inimigo, ameaçador e cruel. (CHOMSKY, 1996, p. 12).

O cenário da Guerra Fria apresentava conflitos armados nas zonas de influência e uma imensa apreensão internacional por uma guerra nuclear entre as duas potências supracitadas. Esta apreensão se dava, principalmente, porque a Destruição Mútua Assegurada (*MAD*, em inglês) poderia se tornar uma realidade tendo em vista o aumento do poder de devastação das bombas atômicas nesse período (AVILA et al, 2009). Houve, por exemplo, a bomba Castle Bravo, em 1954, lançada para testes nucleares pelos EUA, e a Tsar bomba, em 1961, responsável pela explosão mais poderosa da história, lançada pelos soviéticos com a mesma finalidade dos estadunidenses. Um relatório emitido pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU chegou a afirmar que a contaminação ambiental causada pelos 67 testes nucleares estadunidenses nas Ilhas Marshall, que duraram até 1958, era "quase irreversível" (CHARLEAUX, 2016).

O conceito do dilema da segurança do teórico realista estadunidense John Herz, de 1950, discute que em um sistema anárquico, os Estados agem movidos por interesse próprios, a partir da preocupação com a defesa de sua segurança independentemente da ação dos outros Estados e, dessa forma, acabam criando um ambiente de insegurança no sistema internacional. Logo, essa insegurança instaura um risco iminente de ataque entre os Estados e, consequentemente, uma necessidade constante de se armar com poder bélico para proteção (HERZ, 1950). Entretanto, tal conflito disputado no setor nuclear, com o passar do tempo se tornou para as duas potências hegemônicas inviável, o próprio presidente estadunidense Ronald Reagan, na época, admitiu que ninguém poderia vencer uma guerra nuclear (BANDEIRA, 2016, p.108).

A espionagem foi uma ferramenta fortemente utilizada pelas superpotências a fim de garantir informações e parâmetros do nível de ameaça que a outra apresentava. Destaca-se a Agência Central de Inteligência (CIA) que atendia aos interesses estadunidenses, a Comissão para a Segurança do Estado (KGB) soviética, que atuaram em diversos territórios a fim de cumprir suas missões designadas, fundamentalmente, ligadas a coleta ou roubo de

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

informações consideradas imprescindíveis para segurança de seu respectivo país de origem (CEPIK, 2001. p.175-177).

Diante dessa conjuntura bipolar, os EUA se comportavam de maneira hostil, conforme descrito por Leandro Karnal:

> [...] o fim do sistema colonial no período pós-guerra não significou o desaparecimento do imperialismo americano. Seu principal objetivo sempre foi o de abrir oportunidades de investimento às corporações americanas, utilizando seu vasto poder econômico e militar para controlar outros países e conter a ameaça de inimigos, que, no período da Guerra Fria, eram a União Soviética e qualquer país que se aproximasse direta ou indiretamente da esfera de influência comunista. Esse objetivo se tornou mais crucial no contexto de crise econômica e globalização entre 1970 e 2000 (2011, p. 260-261).

A partir desse trecho, Karnal (2011) ajuda a entender o processo de construção da narrativa de combate ao comunismo, que intensificava o imperialismo estadunidense sobre a região latino-americana, visto que qualquer país sofria as conseqüências caso apresentasse qualquer sinal de uma possível ameaça comunista, como será evidenciado no próximo tópico.

O final da década de 1970 representou um período que trouxe evidências contundentes de desgaste das duas frentes em disputa na Guerra Fria acerca de seus respectivos modelos que bipolarizaram o mundo. No âmbito capitalista, os EUA enfrentavam uma intensa crise econômica devido aos gastos políticos, econômicos e militares para conter a URSS, a crise do petróleo, que teve seu auge em 1973 (MELO, 2008). E por último a renúncia ao cargo do executivo por parte de Nixon, no mesmo ano do auge da crise econômica, pressionado por alegações escandalosas do caso Watergate, que representou o caso de espionagem da sede do Partido Democrata (ARRUDA, 2005, p.426).

Já no socialista, a URSS passava por dificuldades ainda mais graves que as do modelo capitalista nesta época, essas dificuldades estavam ligadas, essencialmente, ao esgotamento do modelo extensivo de crescimento por zonas de influência na virada dos anos 70, o que implicaria em um momento de desaceleração econômica e também marcaria o início de processo gradual e progressivo de decadência nos índices econômicos até uma total estagnação econômica na década de 80 (RODRIGUES, 2006, p. 13-17). O fato é que tanto os Estados Unidos como a URSS estavam em um processo de crise política e militar devido à intervenção de ambos no Afeganistão, mas no caso URSS, o conflito que durou quase dez anos, resultaria no isolamento internacional e, posteriormente, na falência econômica, consequentemente, na dissolução do bloco soviético (RODRIGUES, 2006, p. 261-262).

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Em meio à derrocada da URSS e o fim da Guerra Fria, durante o governo do presidente dos EUA, Ronald Reagan (1981-1989), observou-se o processo de redemocratização da América Latina visando à fomentação do desenvolvimento econômico e saída da crise econômica, visto o fracasso econômico e político durante o período de regime militar (TONIAL, 2006, p.242-244).

Logo, observa-se que houve a troca da segurança nacional que antes era baseada na imposição de ditaduras militares na região latino-americana por uma estratégia voltada para a democracia como garantidora da segurança nacional devido à impaciência e a desconfiança dos Estados Unidos com os regimes militares na América Latina (ZARPELÃO, 2015). O que possibilitou uma garantia de controle da região mais eficiente, uma vez que os militares de extrema-direita passaram a ser vistos como uma ameaça, como é possível visualizar neste trecho de Bush, vice de Reagan:

> [...] excessos de regimes de extrema-direita são causadores da emergência de movimentos leninistas-marxistas na América Central. Pensava Bush em Fidel Castro, que tirou Fulgêncio Batista em 1959 em Cuba; Daniel Ortega que tirou a família Somoza em 1979 na Nicarágua; e Maurice Bishop que tirou Eric Gary em 1979 em Granada (BUSH, 1984).

Nesse sentido, a democracia imposta pela força e pelos interesses estadunidenses nunca seria democracia, mas um projeto de "*fake democracie*" para o domínio do capital financeiro e das grandes corporações (BANDEIRA, 2016, p. 29). Assim, percebe-se a adoção de uma nova doutrina pelos Estados Unidos e do imperialismo estadunidense sobre a América Latina. O que se pretende justamente explorar mais a seguir.

2.1. A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E A AMÉRICA LATINA NA GUERRA FRIA

A postura dos Estados Unidos com a região da America Latina na Guerra Fria era o reflexo da imposição da força de sua hegemonia sobre o sistema mundial que por vezes acontecia poria acontecer por via uma pacifica ou não pacífica a fim de garantir a dominação. De acordo com Charles Kindleberger (1986) existia uma necessidade que no sistema mundial tivesse uma liderança a partir de uma nação especifica o que garantiria o funcionamento desse sistema, pois sua presença iria atuar como estabilizadora (*hegemon*), provendo condições favoráveis para o bom funcionamento das relações entre os nações por meio de uma moeda forte, da defesa do livre comércio, uma coordenação de políticas econômicas e a garantia do

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

sistema financeiro.

Enquanto a questão do imperialismo adotado pela nação estadunidense na região latino americana, segundo Ellen Meiksins Wood (2014) trata-se do novo formato de imperialismo adotado desde o fim da Segunda Guerra Mundial baseada em imperativos econômicos e administrado por mais membros do sistema internacional. Nesse sentido, esse novo imperialismo estadunidense tornou-se hegemônico e pode ser representado em três fases: A primeira ocorreu entre 1944 até o inicio da década de 1970, marcada pelo sistema de Bretton Woods, a consolidação do FMI e Banco Mundial no sistema internacional, além do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT); já a segunda aconteceu no período do governo estadunidense de Nixon que marca o inicio do dólar como moeda fiduciária, lastreada e o fim do padrão ouro; e por último, a terceira fase que acontece com o fim da União Soviética (1991) até o governo de George Bush que, em 2001, estabelece uma "[...] guerra total e infinita – não necessariamente guerra contínua, mas uma guerra indefinida em termos de duração, objetivos, meios e alcance espacial" (WOOD, 2014, p. 114).

Desse modo, o imperialismo hegemônico estadunidense estabeleceu na América Latina durante a Guerra Fria uma intensa presença econômica, militar ou pela influência política, cultural e geográfica. Entretanto, a presença nessa parte do continente sempre foi uma realidade desde a instauração da Doutrina Monroe, em 1823, que objetivava o fim das interferências europeias sobre o continente americano, que culminaria na participação da Guerra Hispano-Americana, em 1898, que introduziria a postura imperialista estadunidense dentro do continente durante o confronto entre a Espanha e os Estados Unidos, o que resultaria na intervenção estadunidense na Guerra de Independência de Cuba. (KUHN et al, 2016, p. 4).

Entretanto, a Revolução Cubana, de 1959, e o avanço da URSS no continente que passou a existir maiores receios e preocupações com a segurança da região e, deste modo, maior necessidade de observar e controlar melhor a região, já que tal revolução tornou-se um símbolo indesejado pelos estadunidenses, de acordo com Ayerbe:

> A postura do governo Kennedy será pragmática: para implementar a política de reformas estruturais, criará a Aliança para o Progresso (Alpro) e, para prevenir novas experiências inspiradas na revolução cubana, a política de treinamento e aparelhamento das forças repressivas latino-americanas será reforçada. O novo secretário da Defesa, Robert Macnamara, será o responsável pela reformulação dos programas do Pentágono (2002. p. 116-117 apud KUHN et al, 2016, p. 8).

A política externa dos Estados Unidos da América no continente americano sempre foi

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

marcada pelo sentimento constante de reafirmação dos valores do destino manifesto, que era interpretado sob a ótica anglo-saxônica. Ela consistia na crença de que a nação estadunidense, assim como o fardo do homem branco dos europeus, exalta a superioridade do ponto de vista racial e objetiva a missão civilizatória com as demais regiões consideradas não civilizadas (KARNAL, 2011, p. 170). Desse modo, isso possibilitou uma narrativa positiva para a expansão, além de legitimar as guerras devido aos seus fins, também acompanhada por noções de segurança adotadas na época, como é expresso por Buzan e Waever:

> Os EUA projetam bases e intervenções militares na América Central e no Caribe e, embora certamente não se possa dizer que esta região funciona como uma unidade no nível global, a influência dos EUA claramente impede a dinâmica de segurança interna. Neste modo, o ator principal é impulsionado muito mais pela dinâmica de segurança global do que regional, e durante a Guerra Fria, foram principalmente as preocupações globais que impulsionaram suas imposições de segurança em seus vizinhos menores (BUZAN; WAEVER, 2003, p. 56, tradução nossa).

A principal forma de controle adotada pelos Estados Unidos foi o apoio às ditaduras militares no continente americano. A primeira ditadura instaurada com participação direta da CIA aconteceu na Guatemala em 1954, marcando o começo de uma nova configuração para a região, com apoio e influência estadunidense (KARNAL, 2011, p.229-230). Outros países também passariam por esse processo, como a Bolívia (1964), o Brasil (1964), Chile e Uruguai (1973) e Argentina (1966/1976) (SADER, 2023). O caráter violento era a marca desses regimes militares de direita, principalmente, na repressão de movimentos que não estivessem de acordo com a lógica dos projetos de governo apoiados pelos EUA:

> Uma marcada predominância da influência dos Estados Unidos como corolário da Doutrina Truman que considerava todas as experiências políticas como uma ameaça socialista ou revolucionária, contra a própria essência da democracia. Assim, os regimes mais sangrentos do subcontinente gozavam da aprovação do governo de Washington com elevado interesse em defender o status quo implantado com mão pesada pelos diferentes autoritarismos. Surgiram então os governos ditatoriais da Argentina e do Chile no Cone Sul; mesmo na época em que o governo Carter era nominalmente um porta-estandarte da defesa dos direitos humanos. [...] (AGUERO GARCÍA, 2016, p. 30).

Outra forma de dominação era exercida por meio da diplomacia, em que os Estados Unidos da América impõem para a América Latina, por exemplo, a participação na Organização dos Estados Americanos (OEA), de 1948, sobre o pretexto da manutenção da paz e da justiça por meio de um organismo solidário que defende a soberania, integridade territorial e independência. Já no âmbito diplomático militar pelo Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), em 1954, que visava à manutenção da paz e da segurança

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

internacionais, que eram suscetíveis de ação regional (NAPOLITANO, 2019).

Logo, a primeira fase da política estadunidense de contenção do comunismo introduzida durante a Doutrina Truman, de 1947, se fortalece na região da América Latina, durante os anos de 1950, visto que o mandato presidencial posterior a Truman, o de Dwight D. Eisenhower (1953-1961), também adepto da política intervencionista no cenário internacional manteve as diretrizes propostas pela doutrina e apenas intensificou o processo na região (GONÇALVES, 2004, p. 32-39). Já o governo de John Kennedy (1961-1963) é marcado pela maior atenção da política externa do país à questão cubana, destacando-se a tentativa frustrada da invasão da Baía dos Porcos (1961) e o episódio da "Crise dos Mísseis" (1962) (CUETO, 2022). Este cenário resultou, em 1962, a expulsão de Cuba da OEA a pedido dos Estados Unidos sobre o argumento de "ameaçar a paz e independência política dos Estados americanos [...]" (OEA, 1962).

O Panamá, também localizado na América Central, foi afetado pela política agressiva e intervencionista estadunidense, em 1989, sob o pretexto da "*Operation Just Cause*" que seria uma ação que protegeria a vida dos cidadãos estadunidenses que viviam neste país (SCHWALLER, 2008). Mais adiante, de acordo com KARNAL (2011) haveria mais intervenções na região:

> Na América Central, o governo americano treinou e bancou guerrilhas anticomunistas contra o governo socialista dos sandinistas na Nicarágua (que derrubou o ditador próamericano, Somoza, em 1979) e providenciou assistência militar e econômica aos governos e às forças militares de El Salvador e da Guatemala (KARNAL, 2011, p. 261).

Já a relação entre o México e os EUA era uma das mais intensas na América Latina, tendo vista, por exemplo, a posição geográfica do país latino-americano. Já dizia o presidente mexicano General Porfirio Diaz (1830-1915): "pobre México. Tão longe de Deus e tão perto dos EUA" (GOIS, 2017). Nesse sentido, a presença da *United Fruit Company* no México, em 1967, exemplifica a relação complexa com os Estados Unidos. Esta empresa se estabelecia na região latino-americana, mas principalmente, na região central do continente americano. Quando se estabeleceu no setor alimentício do México foi criada uma nova lógica de mercado:

> [...] esse monopólio norte-americano se deve a dois fatores: 1) Esse movimento fecha o círculo de dominação estrangeira do a indústria de processamento de alimentos no México. 2) A United Fruit Company é uma das empresas americanas mais notáveis pela intervenção política nos negócios ou nos países em que opera (NACLA, 2007).

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Entretanto em meio a isso também existiu um ato diplomático, em 1962, o presidente estadunidense Lyndon Johnson foi se encontrar com o presidente mexicano Adolfo López Mateos para pôr um ponto final no conflito de "El Chamizal" em nome da diplomacia e do bom relacionamento entre as duas regiões que eram vizinhas (MATEOS et al, 2021). Com isso, sinalizam uma aliança mais forte no campo da política externa como observado.

Outro ponto importante sobre a relação entre México e Estados Unidos está ligada ao desenvolvimento da questão migratória a partir do fim da guerra fria, por isso, dedicamos o próximo tópico ao tema.

2.2. O DESENVOLVIMENTO DA QUESTÃO DO FLUXO MIGRATÓRIO DO MÉXICO PARA OS ESTADOS UNIDOS APÓS A GUERRA FRIA

A necessidade de um bom relacionamento entre o México e os EUA era primordial, principalmente, pela extensa fronteira territorial dividida, esta é estipulada em 3.141 quilômetros desde o Oceano Pacífico até o Golfo do México. Talvez o histórico de derrotas e perdas de territórios por parte do México para os Estados Unidos tenha sido levado em conta durante construção de uma aliança com o país estadunidense no período Pós-Guerra Fria (SECRETARÍA DE RELACIONES EXTERIORES). Já que, de acordo com Beatriz Naddi (2019), aproximadamente, 55% do território mexicano foram anexados aos Estados Unidos por meio da anexação da região do Texas e, posteriormente, a conquista dos estados da Califórnia, Nevada, Utah e Arizona como consequências do processo de expansão estadunidense durante a Guerra México-Estados Unidos (1846-1848). Os EUA nesse contexto eram guiados, principalmente, pelo destino manifesto:

> [...] a reafirmação do "Destino manifesto", sob a forma de anglo-saxonismo: a crença de que a nação norte-americana "anglo-teutônica" era superior do ponto de vista racial e tinha uma missão civilizatória a realizar; nesse sentido, o mundo estaria sendo beneficiado com a expansão, bem como a guerra manteria virtudes morais altas e os espíritos disciplinados, em pressupostos bem próximos aos do darwinismo social (KARNAL, 2011, p. 170).

De acordo com Hernandez (2020), nas décadas de 1970 e 1980, ocorreu um período de crise em relação à fronteira com os EUA, o que resultou no investimento em campanhas nacionalistas por todo país, mas principalmente, para a região norte do país mexicano, devido ao medo de que a população parasse de praticar a língua nativa ou que pudesse haver uma transformação significativa na língua pelo uso de palavras em inglês. O que resultou para os

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

mexicanos localizados nessa região fronteiriça um longo período de julgamento por supostamente terem perdido sua identidade mexicana, em razão da influencia do inglês na região, além de comportamentos diferenciados devido à adesão a práticas culturais estadunidenses, como a celebração do *Halloween* ou do Dia de Ação de Graças.

Deste modo, percebia-se que os mexicanos que vivem nessa região de fronteira reivindicam uma identidade mexicana mais exacerbada do que as pessoas do interior do país pelo motivo de que o componente populacional das cidades fronteiriças estava relacionado à chegada de migrantes em diferentes períodos. (HERNANDEZ, 2020, p. 162)

Levando em conta esse cenário de fronteira, o pós-Guerra Fria estabeleceria a Nova Ordem Mundial que por sua vez marcava o início do processo de globalização e da hegemonia mundial do sistema capitalista neoliberal liderado pelos Estados Unidos. Desta forma, com a liberação econômica foi propiciado um período de grande fluxo internacional de bens, serviços e capitais ao redor do mundo (GIORDANO, 1999 p. 52).

Nesse sentido, os resultados desse processo de intensificação do capital estrangeiro e o avanço dos megamercados ocasionariam em uma maior concentração de renda e da desigualdade social, essa realidade se traduz através de dados apresentados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) que trouxe no Relatório de desenvolvimento humano de 1999 houve um aumento progressivo entre os países ricos e os pobres: “Em 1820, a renda per capita dos países mais ricos era 3 vezes maior do que os mais pobres. Em 1870 era 7 vezes maior; em 1913 era 11 vezes maior e em 1960, 30 vezes maior. Em 1997, um quinto da população mundial que vivia nos países mais ricos era 74 vezes mais rica que um quinto da população nos países mais pobres” (PNUD, 1999).

Como um dos efeitos da globalização se constituiu no enfraquecimento da função de contenção das fronteiras, agora já seria permitido um novo fluxo entre os países, além de novos mecanismos de funcionamento da lógica da organização do trabalho e serviços a serem definidos pela Divisão Internacional do Trabalho (DIT). Entendendo que a DIT, neste momento, corresponde a uma especialização das atividades econômicas em caráter de produção, comercialização, exportação e importação entre diversos países do mundo, estando alinhada ao fenômeno da globalização. Essa ideia pode ser melhor compreendida, com os aportes do cientista social Ruy Mauro Marini:

> [...] a globalização é a superação progressiva das fronteiras nacionais no quadro do mercado mundial, no que se refere às estruturas de produção, circulação e consumo de bens e serviços, bem como à alteração da geografia política e do cenário internacional, relações, organização social, escalas de valores e as configurações ideológicas de cada país (MARINI, 2008, p. 247-

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

248).

Constatado isso, o fenômeno da globalização influenciou o aumento considerável do fluxo migratório global em todos os seus aspectos, legais e ilegais, do sentido México para os EUA. De acordo com Martínez Villa (2001) se registram fluxos de emigração de latino-americanos e caribenhos nas últimas décadas do século XX, e seu principal destino era os Estados Unidos, o que fez o número de imigrantes dessas nacionalidades no país duplicarem entre 1980 e 1990. De fato, criou-se uma tendência para os anos 2000 na América Latina e o Caribe: a migração intrarregional entraria em ritmo de diminuição, enquanto a migração para fora da região iria se multiplicar.

Enquanto isso, o ponto de vista da globalização financeira, observou-se a abertura do mercado mexicano, a partir do apresenta Chesnais (2016) sobre essa nova fase do capitalismo, dominado pelos megamercados:

> O fato de colar o termo "mundialização" ao conceito de capital consiste em registrar o fato de que parte dos segmentos mais decisivos dos mercados financeiros é hoje em dia mundializado com modalidades e instrumentos variados. Além disso, significa que o campo no qual se desenvolve o capital industrial concentrado (campo este que podemos também designar como o âmbito que as empresas transnacionais definiram para elaborar suas estratégias "globais") é aquele das relações constitutivas do oligopólio mundial, o qual domina os mercados (e também as formas de mercado) internos, até mesmo nos países mais fortes (CHESNAIS, 2016, p. 6).

O reflexo desse processo supracitado se somaria ao aspecto da integração regional, quando os Estados Unidos, 1990, desenvolveram o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA), com a participação de Canadá e México (NAFTA SECRETARIAT, 2010). Consistia em um bloco econômico que acabou potencializando o imperialismo dos EUA sobre a economia do México. Principalmente, por causa da desigualdade, relacionada à questão industrial, já que o México produzia produtos de baixo valor agregado e tinha grande nível de dependência econômica. Esse quadro pode ser exemplificado com as empresas mexicanas conhecidas como "maquiladoras", localizadas no norte do país, que atuam na realização da manufatura parcial, encaixe ou empacotamento de um bem sem que sejam as fabricantes originais, sendo grande parte destes bens advindos dos Estados Unidos. Essas empresas, em geral, oferecem mão de obra barata, além de poucas despesas pelas isenções fiscais (CARRILLO; HUALDE; QUINTERO, 2005).

Além disso, o NAFTA exercia sua influencia até mesmo sob as diretrizes educacionais do país mexicano, tendo em vista que a mudança na estratégia de inserção internacional e de desenvolvimento econômico do país com a institucionalização do bloco que acarretou em

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

diversas modificações, como a proposta de padronização dos currículos, matérias didáticos, formação dos professores, assim como abertura para o investimento estrangeiro no setor da educação após aprovação de uma lei geral sobre a educação e a diminuição dos recursos públicos destinados para esse setor. O que resultou em uma significativa queda na qualidade do ensino no país, diminuição dos salários dos professores e demais profissionais da área, e também na pauperização das estruturas físicas dos espaços desse setor (BATISTA; SOUZA; MECHI, 2019, p. 164-165).

De modo geral, a imigração latino-americana e caribenha para os Estados Unidos era motivada pela busca de melhores oportunidades para sair da pobreza devido à economia fragilizada e falta de oportunidade nos respectivos países de origem. Aqueles que não conseguiam fazê-la por meios formais, seja por questão financeira ou qualquer outro motivo, o tentavam por vias ilegais. No caso, da travessia ilegal na fronteira entre México e Estados Unidos, os migrantes procuravam os "coiotes" para fazerem o transporte para o outro lado. Tudo isso sem qualquer garantia assegurada, dividindo rotas com ou servindo de transporte para o tráfico de drogas. Este fluxo foi se tornando cada vez mais descontrolado, formando grandes ondas de migração em direção aos Estados Unidos a partir do agravamento de uma crise econômica, na década de 1990, no México (ALMENDRA, 2003, p. 66).

No caso dos mexicanos, o desejo era de se tornarem os mais novos "chicanos" do país estadunidense, como são chamados os cidadãos de origem mexicana (FERNÁNDEZ, 2000). Foi publicado um artigo pelo *American Journal of Political Science*, na década de 1990, em que com base em um levantamento nacional realizado, foi concluído que os mexicanos-americanos, bilíngues, indiferente do domínio maior ou menor pela língua inglesa ou espanhola, apresentam traços tão patrióticos quanto os anglos-saxões de mesmo status socioeconômico, ou até mais (DE LA GARZA et al, 1996). Assim, percebe-se a fácil absorção dos valores patrióticos por parte dos imigrantes dentro dos Estados Unidos naquela época, o que cria um contexto positivo para a aceitação desses imigrantes e inclusão dentro da sociedade estadunidense.

Entretanto, para os que ainda trilhavam seu caminho como imigrantes ilegais e também para os que já haviam conseguido entrar no território estadunidense legalmente, a realidade que os aguardava seria uma sequência de episódios de violação dos direitos humanos no país mundialmente conhecido como referência na defesa da liberdade e da democracia. Trata-se de algo extremamente contraditório, até mesmo pela ideia projetada pelos EUA: um "caldeirão" (ou "*melting pot*"), em referência às diversas nacionalidades que constituem a pátria estadunidense, uma simbologia que teve forte influência a partir da

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

promessa de que todos os imigrantes poderiam ser transformados em “americanos”, a partir da promoção da democracia, da liberdade e da responsabilidade cívica estadunidense, o que na pratica mostrou-se ser apenas para pessoas brancas e europeias (BOOTH, 1998).

Os imigrantes legais enfrentariam o racismo, a xenofobia e os problemas ligados ao mercado de trabalho. Isso, porque de acordo com Giovanni Peri (2016), geralmente, fadados a ocuparem o setor secundário, informal, que era de baixa qualificação, pouco remunerado, empregos instáveis, oferecendo benefícios limitados, baixa mobilidade no mercado de trabalho, além de condições ruins de trabalho pelo baixo estoque de capital humano. Algo já estabelecido, desde os anos 1990, como um padrão segundo o qual os nativos (isto é, aqueles que nasceram no país) tradicionalmente rejeitam as posições ocupacionais do setor secundário, e estas acabavam sendo destinadas aos imigrantes que têm dificuldade de se inserir nas melhores posições ocupacionais no país de origem.

Por outro lado, os que buscassem acessar os Estados Unidos por meios ilegais, como a travessia pela fronteira com o México, ao atravessarem seriam marcados pela baixa infraestrutura dos espaços de detenções ilegais, maus tratos físicos e psicológicos, racismo e xenofobia na “terra das oportunidades” (LANGER, 2017).

Ao longo dos anos, a questão migratória fez com que o México, fosse reconhecido pelos órgãos internacionais como um país de reassentamento, por fornecer transferência aos refugiados de um país anfitrião para outro Estado que os aceitem e, caso fosse necessário, conceder o assentamento permanente. Dessa forma, percebe-se que o país atua com ações ativas, como a ilustrada, em relação ao Direito Internacional dos Direitos Humanos no que tange ao Direito Internacional dos Refugiados (ACNUR, 2018, p. 476). Ao contrário dos Estados Unidos que mesmo enriquecendo por meio da *United Fruit Company* no México e na América Central, e tendo causado devastações por meio de intervenções desde a Guerra Fria nessas regiões, nunca tratou isso como um problema ou motivo para criar qualquer tipo de responsabilidade nas consequências geradas por suas políticas para assegurar sua hegemonia e segurança sobre tais regiões. Como observam Buzan e Waever, a presença estadunidense:

> Na América do Norte, os EUA gradualmente se tornaram de longe o Estado mais poderoso e, no final do século XIX, estendiam seu próprio território, império formal e informal na América Central e no Caribe. A América do Sul também foi penetrada pelo poder dos EUA, mas não tão fortemente a ponto de constituir uma sobreposição (BUZAN; WAEVER, 2003, p. 264).

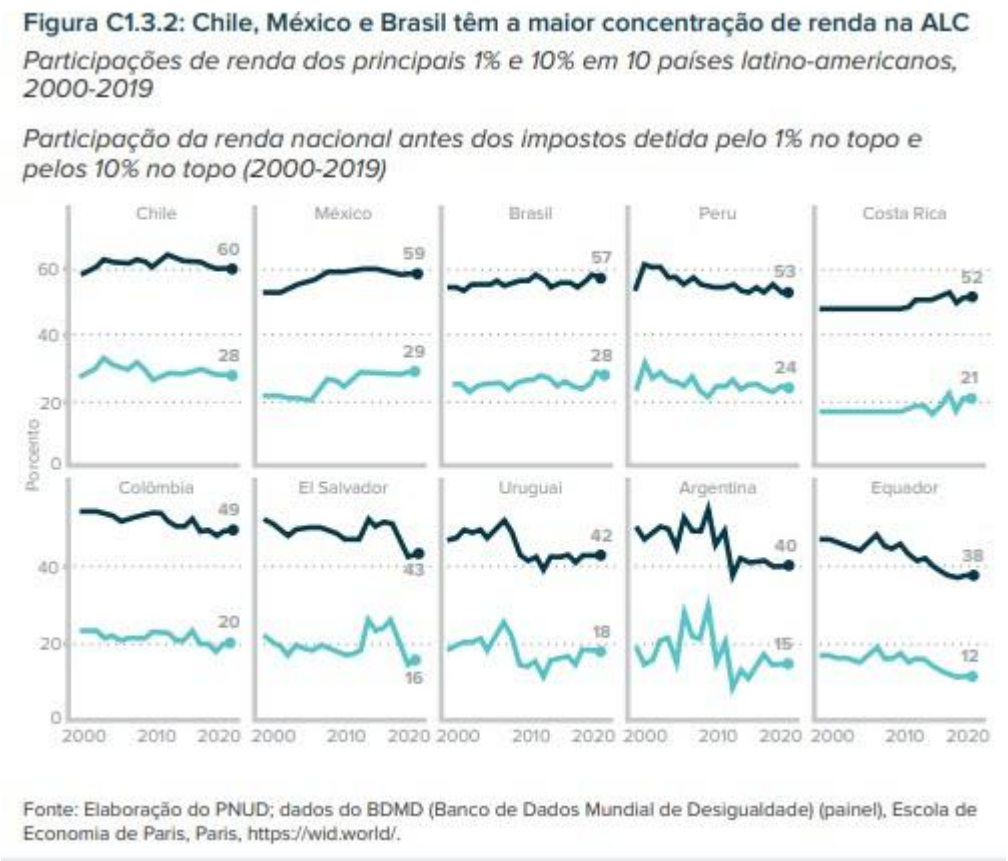
Com isso, a postura adotada pelo EUA desde a Guerra Fria com a América Latina, intervindo, principalmente, política e economicamente, para desenvolver o seu projeto

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

hegemônico capitalista de modo a gerar consequências, como a pobreza. O Informe Especial sobre *Secuestro de Migrantes en México*, no relatório da *Amnistía Internacional* (2010) relatou que nove em cada dez vêm da América Central, especialmente, El Salvador, Guatemala, Honduras ou Nicarágua. Sendo que a grande maioria segue para a fronteira dos EUA com a esperança de uma nova vida longe da pobreza que abandonaram.

Essa pobreza extrema serve como motor para o grande fluxo de imigrantes ilegais na fronteira dos EUA com o México. A PNUD (2021), afirmou que 4 a cada 10 habitantes do México se encontravam em situação de pobreza. Destaca-se também, nesse sentido, a posição do México como um dos países na América Latina e Caribe com a maior concentração de renda e, consequentemente, a existência de uma maior desigualdade social nesse país, de acordo com dados disponibilizados pela PNUD:

Gráfico 1 - Gráfico da Concentração de Renda no México



Fonte: PNUD, 2021

O gráfico fornecido pela PNUD (2021) permite concluir que entre os países listados o México é um dos maiores índices de concentração de renda na América Latina, mas também apresentam um nível elevado mesmo depois de uma queda por parte de El Salvador. Tendo

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

em mente a condição da América Latina, como periferia, Eduardo Galeano pontua:

> Até meados do século passado o nível de vida dos países ricos do mundo excedia em 50 por cento o nível dos países pobres. O desenvolvimento desenvolve a desigualdade: em seu discurso na OEA em abril de 1969, Richard Nixon anunciou que ao fim do século XX a renda per capita nos Estados Unidos seria quinze vezes maior do que na América Latina. A força do conjunto do sistema imperialista reside na necessária desigualdade das partes que o formam, e essa desigualdade assume magnitudes cada vez mais dramáticas. Os países opressores se tornam cada vez mais ricos em termos absolutos, pelo dinamismo da disparidade crescente. O capitalismo central pode dar-se ao luxo de criar seus próprios mitos e acreditar neles, mas mitos não se comem, bem sabem os países pobres que constituem o vasto capitalismo periférico (GALEANO, 2000, p. 7).

No Pós-Guerra Fria com a vitória dos EUA e, consequentemente, do capitalismo, o que houve foi a manutenção dessa lógica econômica para os Estados latino-americanos. Deste modo, essas sociedades tornam-se produto da lógica do capitalismo ao reproduzir as desigualdades sociais e, nesse sentido, a acumulação representa segregação. Karl Marx (1974) ainda salienta que a lógica de produção do capital por acumulação também acompanha a lógica de circulação para constituir o processo de exploração do trabalho pela mais-valia. E o desafio de vencer essa lógica torna-se extremamente complexo, em virtude de que, segundo Milton Santos (1997), o espaço geográfico é o acúmulo desigual de tempos em que as materialidades e ações do passado convivem e se somam com às materialidades e ações presentes. De modo que toda a estrutura construída pelo capitalismo estadunidense e as desigualdades produzidas por ele irão estar condicionadas a uma constante acumulação desigual de tempo nesse sistema econômico.

Para além da questão econômica, os EUA estabeleceram uma dinâmica política marcante após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, o que afetou a América Latina e Caribe em relação ao fluxo de imigrantes latino-americanos devido à securitização do terrorismo nesse contexto, estimulando uma forte onda xenofóbica. Hobsbawm, por exemplo, considera o período:

> [...] dominado pela decisão tomada pelo governo dos Estados Unidos em 2001 de afirmar uma hegemonia unilateral sobre o mundo, condenando convenções internacionais até então aceitas, reservando-se o direito de fazer guerras de agressão ou outras operações militares sempre que o desejasse e levando-as à prática (HOBSBAWM, 2007, p. 13-14).

Logo, o ano de 2001 para os Estados Unidos representou a adoção de uma conduta imprudente em relação aos compromissos formalizados frente a “comunidade internacional”. Deste modo, torna-se imprescindível entender a perspectiva do migrante nos EUA pelos

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

órgãos governamentais, mas também pela legislação desde o final da Guerra Fria até o governo Bush que seria marcado pela fatídica data do 11 de setembro de 2001.

2.3. OS DEPARTAMENTOS DE SEGURANÇA NA FRONTEIRA E A LEGISLAÇÃO ANTI-IMIGRAÇÃO NO FINAL DA GUERRA FRIA

O reflexo da política de imigração norte-americana pode ser encontrado ao analisar as bases das patrulhas de fronteira. De acordo com USCIS (2012) a primeira foi fundada pelos EUA, em 1933, e batizada de *Immigration and Naturalization Service* (INS). A INS protagonizou um período marcado por políticas unilaterais na fronteira e de grande violência ao repreender os imigrantes ilegais ao longo dos anos, mas mesmo assim fracassou na diminuição de imigrantes ilegais no país. Já a *Immigration Reform and Control Act* (IRCA), surgiu em meio a sanção da Lei de Controle e Reforma da Imigração de 1986, considerada a primeira grande revisão das leis de imigração dos Estados Unidos em anos (ESTADOS UNIDOS, 1986). Promovendo a anistia e a regularização dos imigrantes ilegais sem autorização que entraram no país antes de 1982, além de garantir o cumprimento da lei cujo interesse era garantir o emprego dos habitantes estadunidenses legais da época e, consequentemente, objetivava a redução do número de imigrantes ilegais nos EUA (ESTADOS UNIDOS, 1986).

Em 1980, a Lei de Refugiados (*Refugee Act*) estabeleceu importantes diretrizes ao pontuar que as admissões de refugiados seriam tratadas como um elemento permanente da imigração. Além disso, promove uma pesquisa de consulta a respeito das nacionalidades existentes nessa situação no país além de contabilizar anualmente os números pertencentes a esse grupo, assim como os programas e a verba necessária para o assentamento, que deveria ser acompanhado de um suporte voltado para transporte, alojamento, formação profissional e programas de seguridade familiar (HOPSTEIN, 2010).

Alguns anos depois, em 1986, seria lançada a Lei de Controle e Reforma da Imigração (*Immigration Reform and Control Act*) que se alinhava a necessidade uma política mais rigorosa que pudesse ajudar a conter a quantidade de imigrantes ilegais no país, impondo sanções aos empregadores contratantes de imigrantes ilegais, mas também regulariza situação de imigrantes residentes que estavam no país antes de 1982 ou, no caso dos trabalhadores agrícolas presentes nesse grupo até o ano de 1986 (HOPSTEIN, 2010).

Já a Lei de Imigração (*Immigration Act*), de 1990, surgiu com a necessidade de reforçar o controle do fluxo de imigrantes ilegais, ampliando multas e penalidades contra

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

quem empregasse trabalhadores nessa situação, ao estabelecer a legalidade como requisito para a obtenção de emprego. A sanção dessa lei desencadeou um processo progressivo e mais violento realizado pelos controles fronteiriços, providos pela INS e demais forças estadunidenses de controle da imigração (HOPSTEIN, 2010).

No início dos anos 2000, após o atentado terrorista do 11 de setembro nos EUA, foi estabelecido a Lei Antiterrorista ou Ato Patriótico, no governo de George W. Bush. O objetivo dessa legislação era fomentar a segurança nacional e, dessa forma, instituições de inteligência, como a CIA, e entes jurídicos governamentais foram autorizados a levantar as restrições legais ao controle de telefonemas particulares, e-mails, registros médicos, transações bancárias e até mesmo investigações na ausência do visto. Deste modo, a lei serviria para vigiar e preparar melhor os EUA acompanhando a evolução da tecnologia. Entretanto, a nova lei foi denunciada pela ONG, União Americana pelas Liberdades Civis (ACLU), como uma forma de legalizar a tortura, tratando isso como um dos mais graves abusos das liberdades civis na história dos Estados Unidos (EURONEWS, 2014).

> Nesse sentido, o Patriot Act exigiu o reforço do controle sobre a fronteira com o Canadá a partir da triplicação do número de agentes com alocação permanente e a ampliação do acesso do INS à ficha criminal de quaisquer requerentes a todos os tipos de vistos; autorizou que agentes de imigração e oficiais da inteligência investigassem e interceptassem qualquer estrangeiro no país; ampliou as definições de terrorismo mediante a revisão das leis de imigração correlatas; e determinou que os programas de controle e fiscalização da entrada de estrangeiros em aeroportos, portos e postos de checagem passava para a direção do Office of Homeland Security (AMARAL JUNIOR, 2010, p. 211).

O Departamento de Segurança Nacional (*Department of Homeland Security* ou DHS) foi criado como resposta após os atentados de 11 de setembro quando membros da rede terrorista Al-Qaeda sequestraram quatro aviões comerciais estadunidenses e os lançaram sobre o território estadunidense (MURSE, 2021). Criado com o propósito de desempenhar função de departamento do governo dos Estados Unidos com o objetivo de proteger o território dos EUA contra-ataques terroristas e agir em caso de desastres naturais suas funções foram se aprimorando. Em 2002, o Congresso aprovou a Lei de Segurança Interna. Assim, a partir de 2003, o INS foi encerrado e substituído por *Immigration and Customs Enforcement* (ICE), *Customs and Border Protection* (CBP) e *US Citizenship and Immigration Services* (USCIS) (LEGAL INFORMATION INSTITUCION, 2022).

Deste modo, evidencia-se como o cenário da segurança estadunidense em relação à entrada do imigrante estava sendo construído nos EUA nesse período, assim como o surgimento dos departamentos responsáveis por esse setor. A progressiva intensificação das

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

restrições e da violência abordados até aqui vão colaborar para o que será abordado no próximo capítulo.

3. A SECURITIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO NO CONTROLE DE FRONTEIRA ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O MÉXICO

A compreensão do processo de securitização exige que antes seja apresentada a fundamentação do conceito pela Escola de Copenhague para que, assim, seja possível desenvolver como foi a aplicação no governo Trump. Deste modo, aqui serão abordadas neste tópico perspectivas teóricas, discursos e dados informativos sobre o tema.

3.1. A ESCOLA DE COPENHAGUE E A SECURITIZAÇÃO

A teoria das Relações Internacionais no período referente ao fim da Segunda Guerra Mundial detinha como paradigma teórico o realismo. Entretanto, isso durou até o advento da Guerra Fria que evidenciou a ineficiência da perspectiva realista, principalmente, ao não conseguir prever o fim da Guerra Fria que foi marcada pela derrota soviética e a vitória do sistema capitalista encabeçada pelos Estados (WALTZ, 1979).

O final dos anos 80 marca o nascimento da teoria construtivista que tem como marco fundador a publicação de Nicholas Onuf (1989) somado ao artigo de Alexander Wendt (1992). Essa corrente teórica é fruto do debate dentro das ciências sociais diante do papel das ideias e dos valores no estudo dos eventos sociais, mas também deriva do debate dentro das Relações Internacionais referente à antecedência ontológica dos agentes ou da estrutura.

Deste modo, o construtivismo se estabeleceu como uma teoria que leva em consideração: a política mundial a partir de uma ordenação que acata como atores internacionais, os Estados; o estabelecimento do intersubjetivo enquanto motriz estrutural no sistema de Estados; e, por último, o entrelaçamento da identidade e do interesse dos Estados como forma significativamente construída pelas estruturas intersubjetivas. Portanto, o construtivismo acredita na necessidade da interpretação da anarquia a fim de estabelecer um significado para esta, assim como nos interesses nacionais como parte fundamental do processo de construção identitário do ator e que a política internacional deve ser tratada como algo mutável ainda que resistente (WENDT, 1996).

Os debates teóricos das Relações Internacionais estão consideravelmente atrelados às respectivas conjunturas temporais e, por isso, o reflexo do ambiente político frente às

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

potências hegemônicas acabam por influenciar os avanços e os retrocessos das escolas teóricas deste segmento. Tendo isso em mente é possível atestar que o desenvolvimento do conceito da securitização pela Escola de Copenhague ocorre dentro dessa lógica, o que será evidenciado a seguir.

No ano de 1985 surge o Copenhagen Peace Research Institute (COPRI), posteriormente conhecida como a Escola de Copenhague, a qual se destacou pelos estudos voltados para a paz e segurança internacional. Essa escola, de modo geral, emerge da necessidade de redimensionar a inserção da Europa no período pós-Guerra Fria, sendo que para isso adota uma perspectiva construtivista que dialoga com as correntes tradicionais. Tal linha construtivista dentro das Relações Internacionais está ligada às variantes que se centram na construção social tanto do conhecimento, assim como da realidade (FEARON; WENDT, 2002, p. 53). Deste modo, essa escola consegue condensar as vertentes tradicionais abordando as linhas realista e construtivista sobre a crítica de segurança internacional do campo teórico das Relações Internacionais.

Uma das preocupações desenvolvidas pela da Escola de Copenhague seria os estudos referentes à segurança, que elaboraria uma perspectiva de segurança a partir de suas atribuições nos diversos âmbitos, ou seja, “societal”, “ambiental”, “global”, etc. Isso provocou um significativo impacto que até então não havia ocorrido no campo teórico mais influente (“*mainstream*”) (BUZAN, 1991). Afinal, o período Pós-Guerra Fria foi marcado pelo grande temor diante das chamadas “novas ameaças”, sendo essas ameaças: o terrorismo, o crime organizado, a imigração ilegal e correntes antiglobalização (DE OLIVEIRA, 2019, p. 18-19).

No período dos anos 1990, também foram definidos conceitos, como, por exemplo, os de governança global, o de cooperação entre atores internacionais e, também, o de regimes internacionais. Além disso, apesar de os estudos de Segurança Internacional terem surgido após a Segunda Guerra Mundial, uma das heranças deixadas com o fim do mundo bipolarizado foi justamente o desenvolvimento teórico da segurança internacional como ciência (BUZAN; HANSEN, 2009). Dentro disso, estabeleceram-se três vertentes no campo de segurança internacional para a escola de Copenhague, sendo elas: a tradicionalista, a crítica e a abrangente. Elas simbolizam as divergências entre racionalistas e construtivistas, assim como o debate entre os próprios construtivistas (DUQUE, 2009).

Os setores supracitados no âmbito da segurança podem ser compreendidos através das seguintes definições: a segurança militar baseia-se no uso de dois níveis das capacidades ofensivas e defensivas armadas dos Estados e as percepções dos Estados sobre as intenções uns dos outros; já a segurança política diz respeito à estabilidade organizacional dos Estados,

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

dos sistemas de governo e das ideologias que lhes conferem legitimidade. A segurança econômica diz respeito ao acesso aos recursos, finanças e mercados necessários para sustentar níveis aceitáveis de bem-estar e poder estatal. A segurança social diz respeito à sustentabilidade, dentro de condições aceitáveis de evolução, dos padrões tradicionais de língua, cultura e identidade e costumes religiosos e nacionais. A segurança ambiental diz respeito à manutenção da biosfera local e planetária como o sistema de suporte essencial do qual dependem todos os outros empreendimentos humanos (BUZAN, 1991, p. 19-20).

O conceito de securitização é o mais relevante e notório dentre as contribuições teóricas da Escola de Copenhague. Esse processo ocorre mediante a atuação de um securitizador, podendo ser desde um único indivíduo até um grupo. Geralmente, atuam nesta função líderes políticos, burocratas, governos, lobistas e grupos de pressão, que propagam o ato de fala de securitização. Além do mais, esses atores, geralmente, não são os objetos de referência para a segurança, porque raramente podem falar do assunto a fim de garantir a sua própria sobrevivência (BUZAN; WAEVER; WILDE, 1998).

A partir dos estudos sobre Estudos de Segurança Internacional (ESI) feitos por Buzan e Hanzen (2012) é constatado que suas raízes estão profundamente ligadas ao mundo ocidental anglo-americano. Além disso, também foi apontada a relação entre os Estudos Estratégicos com os Estudos de Segurança, sendo o primeiro considerado um conceito presente entre os três eixos centrais dos ESI:

> (i) os complementares, e aqui se enquadram os conceitos não só de “estratégia”, mas também de “dissuasão” e “contenção”; (ii) os paralelos, referenciais da Teoria Política, tais como “poder”, “soberania” ou “identidade”; (iii) e os opositores, como os estudos sobre “paz” (Peace Research), que reivindicam a substituição dos conceitos de segurança pelos seus próprios (CASSEL; SERPA; THUDIUM; ROCHA; SANTOS; CORREA, 2017).

Dentro disso, conforme Buzan e Hansen (2009) o tratamento do conceito de segurança como Segurança Humana, em 1994, é redimensionado com o apelo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Assim houve uma ampliação da lógica de segurança a fim de conceber a “segurança do indivíduo” enquanto referencial para lógica de segurança que até então se limitava a defesa territorial e as questões ligadas ao interesse nacional. Com isso, o indivíduo passa ser um referencial e, consequentemente, pode ser tratado como uma ameaça à segurança.

3.2. OS ESTADOS UNIDOS E O PROCESSO DE SECURITIZAÇÃO

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

O atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos é o ponto inicial para a construção de uma agenda internacional global voltada para o combate e o aprimoramento das estratégias geopolíticas para conter o terrorismo, de modo que as discussões sobre segurança nas relações internacionais e no sistema internacional voltam-se para esse ponto de modo prioritário. E, nesse sentido, consideram-se diversas faces para esse processo como a cooperação internacional, a soberania, a globalização e a ampliação do conceito de terrorismo, segurança nacional (BUZAN, 2002).

Após o 11 de setembro, os EUA adotaram a Doutrina Bush, que estabeleceu princípios de unilateralismo interventivo, guerras preventivas e de autodefesa sob a pauta do combate ao terrorismo e defesa da livre-circulação de capitais (CASTRO, 2012, p. 160). Logo, observa-se que o terrorismo foi securitizado, já que o processo para a Escola de Copenhague trata justamente de um objeto, neste caso, o terrorismo, que, após ser identificado pelo agente securitizador, passa a ser tratado por uma audiência internacional como uma ameaça existencial.

Depois desse marco fundador nos Estados Unidos, foi no governo Trump que ocorreu a securitização da questão migratória, em especial, contra o imigrante latino-americano. Vale destacar que seu antecessor, Barack Obama, nos seus oito anos no poder registrou em seu governo mais de 2,7 milhões de deportações, um índice maior do que qualquer outro presidente dos Estados Unidos, não criou a mesma narrativa de Trump (CORREA, 2010).

Na verdade, de acordo com Pecequilo (2012), o governo Obama representou um período de ruptura nos EUA quando assumiu a presidência. Não só pela representatividade racial em um país historicamente racista, mas também na política externa, por exemplo, ao adotar uma política multilateral, como mecanismo de estabilização da ordem internacional por meio da cooperação entre os Estados. Ainda sobre a perspectiva apresentada por Pecequilo (2012), isso divergia do unilateralismo do governo que o antecedia, de George W. Bush. Obama buscou colocar o foco na solução de problemas comuns. Esse período também foi marcado pelas reformas na imigração e uma nova abordagem na política de drogas, de acordo com a lógica multilateral, envolvendo mais países parceiros para a resolução do problema em comum. Dentro disso, o narcotráfico se destacava entre as preocupações e as estratégias de combate por meio do multilateralismo. Aliás, até Cuba seria incluído como país aliado dos EUA, o que evidência um governo com um propósito mais diplomático do que o anterior e do que o posterior governo de Trump.

Entretanto, é importante ressaltar que mesmo o governo Obama sendo considerado um dos mais diplomáticos, a questão migratória foi um período sombrio nesse governo. De

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

acordo com Rumbaut (2017), no primeiro mandato de Obama, em 2010, o dilema do destino dos mais de 11 milhões de imigrantes ilegais nos Estados Unidos já se apresentava como um dos principais problemas com fluxo intenso da imigração ilegal no país. O democrata já havia anunciado por várias vezes sobre a necessidade de uma reforma no sistema de imigração do país por ele estar falido, mas não tinha apoio suficiente para tornar sua promessa de campanha possível. Em 2014, adotou uma nova medida a fim de garantir um plano de imigração que protegeria 5 milhões da deportação ilegais com filhos americanos, estes poderiam ter acesso a um visto de trabalho por 3 anos. Já na gestão de Trump o tratamento ao imigrante ilegal latino-americano seria mais rígido e violento.

Trump sugeriu a construção de um muro que cobrisse toda a região fronteiriça a fim de impedir que essa migração continuasse a acontecer. Os termos utilizados para se referir aos imigrantes nessa condição eram sempre pejorativos, o que demonstrava o interesse de Trump em impressionar e alertar seu público eleitor quanto ao suposto nível de ameaça dos migrantes. Isso pode ser constatado, em 8 de julho de 2015, durante a o discurso em que acusou o México de enviar criminosos deliberadamente para os Estados Unidos como imigrantes ilegais. Isso ocorreu no lançamento de sua campanha. O então candidato à presidência teria feito uma generalização comparando imigrantes ilegais hispânicos a estupradores (EFE, 2015).

É fato que a questão migratória sempre esteve presente na agenda social estadunidense, mas a terminologia “novas ameaças” veio no pós-Guerra Fria. Tanto é assim que o desenvolvimento das leis voltadas para a imigração nos EUA, desde a Lei de Naturalização (1790) até a Lei de Migração (1990), nos faz perceber que historicamente sempre houve um efeito de freio quando o fluxo migratório não era o desejado, ou seja, não trazia o perfil de estrangeiro etnicamente almejado, como o europeu (KOUDELA, 2013). Dessa forma, Trump apenas cumpre a função de encorajar os sentimentos anti-migratórios baseados em xenofobia e racismo.

Vale ressaltar que a escola de Copenhague já havia registrado em seus estudos a questão da imigração mexicana e centro-americana para os Estados Unidos como um destaque diante de um cenário em que havia um foco maior para o problema a nível internacional. Até então havia pouca migração internacional ou inter-regional, sendo a grande exceção justamente, para os Estados Unidos, em um fluxo composto majoritariamente por mexicanos e centro-americanos (BUZAN; WAEVER; WILDE, 1998, p. 128). Logo, já nota-se a questão migratória como sensível e alinhada às preocupações do fenômeno da globalização, que vibra pelo incentivo à diversidade e à aceitação do imigrante.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

A Escola considera o conceito de "ato de fala" (ou, em inglês, *speech-act*), oriundo da linguística, para analisar o processo comunicativo para entender como uma questão chega à esfera da segurança. Formulado por John L. Austin, tal conceito baseia-se na premissa de que o discurso é uma forma de ação e, portanto, carrega consequências (BUZAN, 1998, p. 26). Deste modo, palavras que fazem referência a ameaças à existência de uma unidade, além de não serem apenas signos linguísticos, trazem consigo a demanda de que medidas sejam tomadas para contrapor às ameaças. Como expresso aqui:

> O que é, então, a segurança? Com o auxílio da teoria da linguagem, podemos conceber a segurança como um ato de fala. Nessa acepção, a segurança não é objeto de interesse como um signo que se refere a algo mais real; a fala em si é o ato. Ao se falar, algo é feito (como ao se fazerem apostas ou promessas, ou ao se dar nome a um navio). Ao dizer "segurança", um representante estatal faz referência a um acontecimento em uma área específica, e assim demanda um direito especial para utilizar quaisquer meios que se fizerem necessários para evitá-lo (WAEVER, 1995, p. 55 apud DUQUE, 2009).

Tratando agora de entender como foi securitizada a migração por Trump, é preciso partir do entendimento da escola de Copenhague, de que “o processo de securitização é o que em teoria da linguagem é chamado de ato de fala” (BUZAN, 1991). Já que os discursos proferidos por Trump durante e após o período de campanha se consolidaram em medidas políticas adotadas em seu governo, tais falas como:

> [...] Eu iria construir um muro. E ninguém mais entraria ilegalmente. Eu faria o México pagar por isso, porque eles realmente extorquiram este país. Eles têm realmente aproveitado de nós tanto economicamente quanto na fronteira. Eles vão pagar por essa cerca." (...) "Eles estão tomando seus empregos. E é melhor ter cuidado (TRUMP, 2016).

Criando uma atmosfera de urgência e estimulando o sentimento de medo e insegurança na população estadunidense, nota-se que o discurso é associado com tais significados transmitidos pelo enunciador que acabam sinalizando a presença de uma ameaça. Tais falas são bem recebidas pela audiência, que aceita e trata esse discurso como legítimo. O que no caso de Trump, o reconhecimento da audiência possibilitou sua eleição no ano de 2016.

Com isso, esse processo de reconhecimento de ameaça pelo público acontece quando é feita a legitimação da securitização com a consumação dos resultados das eleições de 2016. Dessa maneira, Trump consegue influenciar o imaginário de seu eleitor e dar início ao processo de securitização por meio de uma política anti-imigrante depois de compartilhar suas noções intersubjetivas acerca da questão do fluxo migratório da região sul dos EUA.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Soma-se a isso, inclusive, durante o primeiro ano de pandemia, o engrossamento do tom sobre as políticas anti-migratórias. Novamente sob a retórica da necessidade de preservar os empregos nos EUA para os estadunidenses, afirmou: “À luz do ataque do inimigo invisível, bem como da necessidade de proteger os empregos de nossos GRANDES cidadãos americanos, assinarei uma ordem executiva para suspender temporariamente a imigração para os Estados Unidos!” (TRUMP, 2020).

A partir disso, Trump promoveria uma ordem executiva de suspensão por 60 dias, que seriam renováveis por mais 60, a concessão de *green cards* para familiares no exterior de estrangeiros que residam permanentemente nos Estados Unidos. Além de impedir a autorizações de permanência para família de estrangeiros que são cidadãos estadunidenses. Apesar do desejo de Trump ser afastar os imigrantes para garantir os empregos, Leonardo Freitas, especialista em migração, CEO do Hayman-Woodward afirmou que:

> Estimo que deva impactar 110 mil pessoas, o que é absolutamente nada quando estamos falando de mais de 26 milhões de desempregados. Então, é uma jogada política de campanha, uma desculpa para colocar em prática essa agenda que agrada ao eleitorado de classe média baixa do presidente, que agora está desempregada (SANCHES, 2020).

Por fim, vale ressaltar que quando Trump assumiu a Casa Branca, herdou de Obama um dos mais fortes mercados de trabalho da história do país. Mas com a chegada do Covid-19, as promessas de fim do desemprego iram se esgotar rapidamente, pois a taxa de desemprego disparou para 14,7%, um aumento de 10 pontos percentuais desde quando Trump assumiu o cargo. (KURTZ; YELLIN, 2020). Tal cenário catastrófico causado pelas ações de Trump, o advento da COVID 19 e a incapacidade de cumprir metas de governo fez com que ele não tenha conseguido se reeleger. Outro fator de extrema relevância para isso acontecer foi a projeção midiática de sua política de Tolerância Zero para o mundo.

3.3. A EXPOSIÇÃO MIDIÁTICA DA POLÍTICA DE TOLERÂNCIA ZERO

Trump iniciou um movimento que ficou conhecido pela grande mídia do jornalismo internacional como Política de Tolerância Zero. Esta política consiste na alteração no critério do Departamento de Justiça estadunidense exigindo tolerância zero a qualquer caso ligado a entrada irregular de estrangeiros nos EUA, sob qualquer circunstância, de modo que até mesmo solicitações de asilo não seriam consideradas, já que estas deveriam passar pelos procedimentos corretos até a permissão da entrada do imigrante e, assim, todo imigrante ilegal

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

seria tratado como um criminoso desde sua chegada sem a necessidade de validar se existe fichamento criminal (CUNHA, 2018).

Essa medida política é reflexo da postura anti-imigratória prometida desde o período de campanha presidencial de 2016. Os pronunciamentos de Trump, desde o período da campanha, foram marcados por diversas falas justificando as dificuldades econômicas e resultavam em ações para conter o aumento nos índices de desemprego no país devido à presença dos imigrantes ilegais nos Estados Unidos, certa vez disse: “os imigrantes ilegais tomaram empregos que deveriam ser destinados à nossa população legal, enquanto mais de 20% dos americanos estão atualmente desempregados ou em subempregos” (TRUMP, 2017). A narrativa de culpabilização a figura do imigrante nos EUA continua, no primeiro discurso após ter sido eleito em 2017, em que Trump manifesta: "Nós vamos seguir duas regras simples: comprem de americanos e contratem americanos" (TRUMP, 2017). E complementa: "Americanos querem boas escolhas para seus filhos, bairros seguros e empregos para si. São demandas justas" (TRUMP, 2018).

O apelo na segunda fala acima de Trump parecem substanciar o fato de que as acusações aos imigrantes eram acompanhadas de uma narrativa bastante agressiva que parecia buscar aterrorizar o eleitorado. “Criminosos”, “estupradores”, “traficantes de drogas” ou "animais" que "infestam" os Estados Unidos foram algumas das designações feitas pelo 45º presidente dos EUA ao traçar o perfil dos imigrantes ilegais que chegavam pela fronteira com o México, como podemos ver neste trecho: "As pessoas que estão vindo para este país aos milhões, não aos milhares, aos milhões, e destruindo a estrutura do país." (...) "Metade é criminosa; eles estão vindo por amor?" (TRUMP, 2017).

De acordo com Silva, “o imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal. Diferente do imaginado, projeção irreal que poderá se tornar real, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideia e retorna ao real como elemento propulsor” (SILVA, 2006, p. 12). Desse modo, percebe-se que o imaginário a respeito do imigrante latino-americano exposto através da narrativa apresentada por Trump criou uma imagem extremamente deturpada e negativa a respeito da presença desses imigrantes no país.

Esse comportamento de Trump, segundo o acadêmico estadunidense Douglas Kellner, permite categorizar suas ações como um líder popular autoritário ou neonazista que carrega uma multidão de apoiadores que reflete os mesmos valores (2018, p. 20). Além disso, há uma grande incidência de *fake news* nos discursos, *tweets* e demais redes sociais de Trump e,

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

devido a isso, o fenômeno da pós-verdade encontrou um terreno fértil durante o seu mandato presidencial. Para Kellner (2018, p. 89):

> Donald Trump é provavelmente o maior mentiroso na história da presidência norte-americana moderna. Ele conta repetidas grandes mentiras em vez de evidências empíricas e relatórios da mídia bem documentados, contraindo suas mentiras. Quando confrontado com evidências contrárias, Trump e seus manipuladores descartam qualquer fato crítico sobre Trump como "fake news" e "fatos alternativos". Ecoando o presidente Mao e camarada Stalin, Trump chama a mídia de "inimiga do povo" e raramente passa um dia sem uma barreira de ataques e bravatas em sua conta no Twitter. Trump também é o maior enganador a ocupar a moderna presidência, constantemente gabando dele mesmo e suas magníficas realizações, nunca falhando em mentir pela enésima vez sobre suas conquistas e fabulosa presidência. Assim, o regime Trump pode ser visto como "pós-verdadeiro" e hiper-Orweliano em seu uso de gritantes mentiras, propaganda e pura besteira (apud FRAGA, 2021, p. 89).

As informações falsas ditas e publicadas por Trump eram tão expressivas e frequentes que os veículos de comunicação estadunidenses passariam a monitorar esse comportamento, como por exemplo, o jornal *Washington Post* que publicou um *The Fact Checker* que verificaria as afirmações falsas e enganosas do governo Trump, já nos primeiros 100 dias de atuação como presidente, ele foi capaz de emitir uma média de 4,9 informações falsas e enganosas e a partir daí o número só aumentava quando chegou ao dia 558, já haviam sido contabilizadas cerca de 4.229 informações falsas e enganosas, o que dava uma média geral de quase 7,6 por dia (VEJA, 2018). E não demorou mais do que 1.200 dias para Trump atingir a marca de 20 mil declarações falsas ou enganosas (UOL, 2020).

As redes sociais e a imprensa profissional foram fundamentais para o combate da política de Tolerância Zero de Trump ao divulgar, a partir do dia 19 de junho de 2018, as imagens do tratamento dado aos imigrantes ilegais alojados nos centros especiais dos EUA:

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Figura 1 - Abrigo de menores de idade que foram separados de familiares

Fonte: G1, 2018a

A imagem 1 ajuda a visualizar o tratamento desumano dado aos imigrantes menores de idade que foram separados de seus pais e postos em grandes jaulas metálicas sob a supervisão de polícias com baixo ou nenhum conhecimento em relação ao cuidado no tratamento dessas crianças desorientadas e apavoradas. Isso porque, de acordo com Ángel A., um mexicano de apenas treze anos, os seis dias vividos no Texas o traumatizou tanto a ponto de definir a experiência como um "pesadelo" e chamar o centro de detenção de "canil". Além disso, contou sobre diversos maus-tratos e violências sofridas naquele espaço, como ouvir dos seguranças que deveria ficar na parte mais próxima ao ar-condicionado por ser mais fria e degradante devido a sua nacionalidade, mas também ameaças psicológicas envolvendo uma suposta adoção que levaria a um futuro sem seus verdadeiros pais em suas vidas e, por último, inspeções noturnas que os obrigavam a acordar no meio da noite e, caso não acordassem eram sacudidos com força, até mesmo as crianças com 5 anos de idade (FAUS, 2018).

Foram diversos casos divulgados nesse período sobre a extrema violência exercida nesses imigrantes ilegais durante a era Trump. O jornal independente organizado pela ONG, ProPublica, publicou em 18 de junho, um áudio que evidenciava o tipo de tratamento a esses menores de idade, evidenciando o estado de desespero das dez crianças latinas separadas dos pais pelas autoridades estadunidense da fronteira que choravam tanto que quase não paravam

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

para respirar, gritando por socorro clamam por "*papi*" e "*mami*", entretanto, o que chama atenção é uma voz grossa e adulta, de um agente da patrulha da fronteira, que ironiza a situação dizendo que tratava-se de um "orquestra" e falta alguém para conduzi-la (THOMPSON, 2018).

Outro caso que teve grande repercussão e indignou milhares de pessoas ao redor do mundo pelas práticas violência e desumanas executadas na fronteira sul dos Estados Unidos foi o da pequena garotinha hondurenha, de aproximadamente 2 anos, que foi separada de sua mãe e começou a chorar desesperadamente durante a abordagem dos agentes da patrulha de fronteira, como é possível visualizar abaixo:

Figura 2 - Abordagem dos imigrantes ilegais

Fonte: REVISTA CRESCER, 2018

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Figura 3 - Mulher hondurenha amamentando sua filha

Fonte: REVISTA CRESCER, 2018

Figura 4 - O choro de desespero pela separação da mãe

Fonte: REVISTA CRESCER, 2018

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

A construção da cena feita pelas fotografias de John Moore, da agência Getty Images, dispostas na Imagem 2, 3 e 4 permite constatar a forma como a patrulha da fronteira agiu com esses imigrantes ilegais, em especial, com uma mãe e filha hondurenhas. Na imagem 2, nota-se que a criança ainda no colo sente-se segura nos braços da mãe, enquanto ocorre o interrogatório da patrulha da fronteira, na imagem 3 nota-se que ela ainda é amamentada por sua mãe, logo existe um vínculo de dependência não só ligado a proteção e tutela, mas também a saúde e alimentação. Por último, visualizamos a pequena criança em pé chorando histericamente durante a revista de sua mãe por uma agente da patrulha de fronteira. Essas imagens permitem concluir que não existe um tratamento adequado ou humano mesmo com a presença de criança bem pequenas e vulneráveis que ainda estão em período de amamentação, a pequena não só foi deixada de lado para assistir a revista como levada de sua mãe posteriormente (REVISTA CRESCER, 2018).

Quanto mais informações eram divulgadas, mais episódios de violência contra o imigrante latino-americano eram relevados, e, consequentemente, mais cenas de violação dos direitos humanos no decorrer do período da política de Tolerância Zero de Trump. A ONG estadunidense, *March of Dimes*, que promove ações em prol da saúde de mães e bebês, denunciou os maus tratos às mulheres grávidas em condição de imigrante ilegal na fronteira e pediu investigações por parte do Congresso sobre o assunto. Nas palavras do diretor Stewart desse ONG, isso representava uma "falta sistêmica de proteção de saúde básica das mulheres e bebês em custódia do Governo" entendo que "sob nenhuma circunstância é aceitável negar atendimento médico imprescindível ou amarrar mulheres grávidas, independentemente de seu status imigratório", e por fim, evidenciou que esse tratamento violava as próprias diretrizes do congresso do país e as guia atuais do DHS, assim como o Escritório de Alfândegas e Proteção Fronteiriça (CBP). (EFE, 2018)

O impacto da imagem 4 foi tão grande que a própria revista TIME, exibiu a questão por meio de uma montagem da pequena garotinha hondurenha chorando de frente com Trump, como se estivem se encarando com um texto escrito “Bem-vinda aos Estados Unidos da América”.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Figura 5 - A capa da revista TIME

Fonte: G1, 2018b

A divulgação pela imprensa do que estava ocorrendo na fronteira do EUA-México gerou uma grande reverberação por parte de diversas entidades internacionais, como a ONU, a ponto de criar uma pressão internacional e midiática sobre o governo de Trump, fazendo com que, no dia 20 de junho de 2018, Trump assinasse uma ordem executiva desautorizando a separação das famílias imigrantes quando detidas nos EUA, mesmo sob a condição ilegal (CUNHA, 2018).

Entretanto, Trump continuou com a prática de separação de crianças imigrantes, já que, em 2019, mais de 900 crianças foram separadas de seus pais na região fronteiriça sul do país, sendo que a cada cinco crianças, uma tinha menos de cinco anos, de acordo com a ACLU (NOGUEIRA, 2019). A situação piorou progressivamente. Durante o ano de 2020, 545 crianças que haviam sido retiradas de seus pais estavam desaparecidas, de acordo com a ACLU (CORONA, 2020). Importante ressaltar que a forma como Trump estava tratando as

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

crianças não condizia com os valores internacionais com os quais os Estados Unidos, em 1989, se comprometeram e foram signatários. A Convenção dos Direitos da Criança, como previsto no Artigo 9º, apresenta a contradição entre essa ação do governo Trump e o que está disposto no artigo abaixo:

> Artigo 9º: Os Estados-partes deverão zelar para que a criança não seja separada dos pais contra a vontade dos mesmos, exceto quando, sujeita à revisão judicial, as autoridades competentes determinarem, em conformidade com a lei e os procedimentos legais cabíveis, que tal separação é necessária ao interesse maior da criança (UNICEF, 1989).

Assim, percebe-se que o processo de securitização da imigração promovida por Trump estabeleceu diversas formas de violência ao imigrante, tanto por vias governamentais como pela promoção da xenofobia, racismo e *fake news*.

4. OS DISCURSOS DE TRUMP SOBRE A QUESTÃO MIGRATÓRIA

Os adjetivos aplicados por Trump sobre o imigrante latino-americano eram formulados por meio de um discurso de ódio que fomentava o medo e o terror, conforme apresentado até aqui. A securitização de Trump quando consumada por sua posse, em 2016, resulta em medidas restritivas, violentas e desumanas que foram duramente criticadas e combatidas pelos entes midiáticos, mas também por parte de Organizações Internacionais, ONGs e movimentos artísticos.

4.1. O PAPEL DAS ENTIDADES MIDIÁTICAS NO COMBATE AO DISCURSO CONTRA O MIGRANTE

Os veículos de comunicação midiáticos foram responsáveis por trazerem áudios, imagens, vídeos e os discursos de Donald Trump, contra o imigrante latino-americano, mas, principalmente, o mexicano. Enquanto os meios de comunicação formais visavam a noticiar as notícias, assim como veicular críticas a esse posicionamento de Trump, a mídia social se adaptava às necessidades sociais para melhor lidar com o advento da *fake news*, a fim de obter maior controle sobre isso e também se aliar ao combate da difusão de conteúdo que desinformam (AFP, 2018).

De acordo com UOL (2015), os Estados Unidos, em 1991, introduziram a ferramenta de *fact-checking* ou, em português, checagem de fatos, no contexto eleitoral entre o democrata

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Bill Clinton e o republicano George Bush. O jornalista estadunidense Brooks Jackson, correspondente da CNN, recebeu a tarefa de checar a veracidade das informações apresentadas pelos possíveis candidatos à presidência dos Estados Unidos durante os anúncios de televisão. Nesse sentido, Jackson fundou o "*Ad Police*", unidade jornalística responsável pela checagem da propaganda eleitoral noticiada.

Mas, foi anos depois, em 2003, estimulado pelo sucesso de seu trabalho na CNN que Jackson criou o primeiro site independente de checagem de fatos, contando com a ajuda da Universidade da Pensilvânia e do *Annenberg Public Policy Center*. Dessa forma, surgiu o *FactCheck.org*, em atividade até hoje. Outro projeto notório lançado na mesma época foi o "*Tampa Bay Times*" encabeçado pelo jornalista Bill Adair que reservava uma seção do jornal para a checagem de fatos. O portal Politifact.com que chegou a ser reconhecido como uma iniciativa que refletia a excelência na área do jornalismo e, por isso, ganhou o prêmio Pulitzer. Logo, percebe-se o desenvolvimento de uma característica importante dentro do jornalismo estadunidense motivado pelo período eleitoral (UOL, 2015).

Os veículos de comunicação tradicionais, como jornais e portais de notícias, adotaram ferramentas como checadores de fato a fim de denunciarem as informações falsas ou parcialmente verdadeiras apresentadas por Trump a respeito da questão da imigração latino-americana nos Estados Unidos. A adoção frequente dessa ferramenta nesse período traduzia a dimensão do problema a partir de complexidade e amplitude dos discursos de Trump para o público estadunidense e para o mundo, ao projetar uma ameaça à legitimidade política dos processos democráticos e a formação da opinião pública dos cidadãos, tendo em vista o impacto da política de Trump, não só no meio institucional, mas também nas mídias sociais (G1, 2018c).

As *fake news* propagadas por Trump estabeleciam um ambiente propício para o convencimento em torno de suas ideias e projetos políticos. O formato dessa desinformação e o impacto causado de acordo com o pesquisador brasileiro Rogério Christofoletti afetariam o público da seguinte maneira:

> Fake news não são apenas notícias falsas, mas também plantadas, cultivadas e hipertrofiadas para que desorientem, confundam, enganem. Elas viralizam nas redes sociais, espalhadas por indivíduos desavisados ou interessados e por sistemas automatizados, como bots e algoritmos (CHRISTOFOLETTI, 2018, p. 62)

A partir disso, a imprensa jornalística tem o dever ético e deontológico de cumprir seu papel informativo de compromisso com a verdade, denunciando fatos que não correspondam

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

à verdade, visto seu papel atrelado à busca pela transparência das informações e isso, mesmo com as interpretações disponíveis nas seções desses jornais, escritas por cronistas e colunistas de opinião, devem apresentar sua posição diante de fatos e baseado em fatos (KARAM, 2004) Logo, a investigação jornalística de combate as *fake news* estão alinhados ao papel da impressa jornalística, de modo que toda notícia vinculada a Trump e a questão do migrante deve ser denunciada.

A relação de Donald Trump com os veículos de comunicação era bem conturbada, desde a campanha, Trump ativamente atacou a opinião da mídia acerca das críticas remetidas a ele e à sua campanha, a estratégia adotada por ele foi desqualificar tais veículos por meio de deboches, como chama o crítico jornal *The New York Times* de *Failing New York Times*, que traduzido significa falido *New York Times* (SULLIVAN, 2018). E da mesma forma fez com a rede de televisão CNN de *Clinton News*, a fim de imprimir ao nome da rede o suposto favoritismo (TIMES OF INDIA, 2016).

As redes sociais, mas, em especial o Twitter, foram uma das ferramentas de destaque nas mãos de Trump e sua equipe durante a campanha e o seu mandato. No Facebook, por exemplo, existem mais de 156 milhões de usuários estadunidenses ativos na rede social e, ainda, cerca de dois terços desses usuários usam a rede social como fonte primária de notícias (CELLAN-JONES, 2016). Deste modo, a divulgação de *fake news* torna-se mais fácil de ser promovida e semeada entre a grande parte da população estadunidense.

O próprio jornal da CNN chegou a prever a vitória de Trump nas eleições de 2016 por seu domínio sobre as redes sociais e, dessa forma, ao comparar sua trajetória com a de outros líderes estadunidenses do passado que souberam melhor utilizar a ferramenta de comunicação de sua respectiva geração nas eleições e, por isso, saíram vencedores (JONES, 2015). Entretanto, o fortalecimento do sistema de checagem de informações falsas chegou a essas mesmas mídias sociais, o que inevitavelmente expôs Trump. O presidente conhecido por suas declarações oficiais feitas por meio de *tweets* se depararia com duas de suas publicações marcadas pelo recurso de “chequem os fatos" devido à falta de confiabilidade dos conteúdos publicados por Trump em 26 de maio de 2020. Após isso, no dia seguinte, Trump respondeu que as plataformas de mídia social "silenciam totalmente as vozes conservadoras" e que por isso irá regulá-las ou fechá-las (G1, 2020). Dessa forma, as ameaças feitas por Trump evidenciam o momento de sufocamento e da necessidade de uma nova narrativa a ser adotada, já que o espaço das redes sociais não parece mais tão atraente e oportuno como antes.

A exposição de Trump com o Facebook foi ainda pior do que a que aconteceu no Twitter. Isso porque, houve também o escândalo ligado a *Cambridge Analytica*, uma

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

assessoria política que ficou responsável pela campanha digital de Trump em 2016, que coletou informações privadas de 87 milhões de usuários sem consentimento e, depois, utilizou esses dados para mandar aos usuários publicidade política especialmente adaptada e elaborar informes detalhados, o que beneficiou significativamente o republicano a ganhar a eleição contra sua concorrente, a democrata Hillary Clinton (G1, 2018d). E, com isso, a *Cambridge Analytica* conseguiria distinguir os usuários no Facebook que teriam o perfil adequado para receber anúncios divulgando bandeiras específicas do candidato, tudo isso, por meio de anúncios 'moldados' que traçaram as características destes, por meio dos medos, das necessidades e das emoções das pessoas (BBC, 2018).

Foram publicados resultados de pesquisas realizadas pela Universidade de Oxford sobre a campanha de Trump, que revelaram que Michigan, um dos estados mais importantes na disputa das eleições de 2016, sobre a eficiência da chamada “mídia lixo” em comparação com as notícias da imprensa profissional, isso foi justificado pelo uso dos robôs para favorecer Trump dentro das redes sociais. Já que os robôs tinham a capacidade de difundir as *fake news* em inúmeros formatos a ponto de criar um consenso manipulado por meio das métricas, mas também forçar os algoritmos dessas redes a ampliar o número de propagandas de acordo com essas tendências estimulado por robôs (SALAS, 2017).

4.2. O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS, ONGs E AS AÇÕES ARTÍSTICAS NO COMBATE AO DISCURSO CONTRA O MIGRANTE

As Organizações Internacionais (OIs) e das Organizações Não Governamentais (ONGs) provaram-se fundamentais contra a Política de Tolerância Zero de Trump. As OIs são órgãos multilaterais responsáveis pela integração, inter-relação e acordos envolvendo diversos países (LIMA, 2017); enquanto as ONGs são reconhecidas internacionalmente como participantes essenciais na luta pela paz e pela justiça mundial (VIEIRA, 2001, p. 125). As OIs se consolidaram no cenário de pós-Guerra Fria como importantes atores no cenário internacional (GOMES, 2017, p. 204). Já a ONG, ganha os primeiros esboços, no século XIX, com a Cruz Vermelha e, em 1959, a ONU (Organização das Nações Unidas) designa toda organização da sociedade civil que não estivesse vinculada a algum governo como “Organização Não Governamental” (VIEIRA, 2001. p. 116).

A ONU, um dos principais atores internacionais, por meio de seus representantes criou diversas tensões ao se pronunciar contra as falas e ações securitizadoras de Trump contra o imigrante que impulsionava discriminação racial e xenofobia. Em janeiro de 2018, ao

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

considerar inadequados e “vergonhosos” os comentários do presidente dos EUA por seu caráter racista, o porta-voz para os Direitos Humanos da ONU, Rupert Colville, se pronunciou em meio à conferência de imprensa em Genebra, dizendo que as falas de Trump "torna legítimo transformar as pessoas em alvos só por serem quem são" que além do fato que "vão contra os valores universais que o mundo se tem esforçado por estabelecer desde a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto", além de ainda tornar-se algo contraditório com a própria história de construção da nação dos EUA (DN, 2018).

Outro posicionamento veio por parte da chefe de direitos humanos da ONU, Michelle Bachelet, que, de acordo Reuters (2018), relatou a indignação com a maneira como os Estados Unidos estavam mantendo imigrantes e refugiados detidos na fronteira com o México, incluindo crianças. Conforme vimos, este episódio estava dentro da temporada da Política de Tolerância Zero de Trump. Ao comentar sobre as condições dos imigrantes latino-americanos fomentou uma perspectiva de repúdio ao fato de que: "[...] crianças sejam forçadas a dormir no chão em instalações superlotadas, sem acesso adequado a cuidados de saúde ou alimentação, e com condições de saneamento ruins". Além disso, reafirma o desacordo com as condições de padrões internacionais propostos pelos direitos humanos quando existe a privação da liberdade de adultos, algo que deveria ser uma medida de último caso e durar o menor tempo possível.

As notas de repúdio são reflexos dos descumprimentos de documentos internacionais que fortalecem os direitos humanos assinados pelo próprio Estados Unidos da América, como tratados, acordos e convenções que são organizados em espaços para promover a diplomacia. Por exemplo, as circunstâncias dadas na implantação da Política de Tolerância Zero, em 2018, que expôs diversas crianças, em seu maioria, latino-americanas a condições precárias de detenção nos espaços aos quais eram destinados os imigrantes ilegais e afastou as mesmas de seus responsáveis indo contra a Declaração dos Direitos da Criança, que pontua que "a criança, em virtude de sua falta de maturidade física e mental, necessita de proteção e cuidados especiais, incluindo a devida proteção legal, tanto antes quanto após seu nascimento" (UNICEF, 1989).

Ainda sobre a política de Tolerância Zero, cerca de 1.500 crianças ficaram alojadas em um galpão que já foi um hipermercado, o que já denuncia a precariedade do espaço, na cidade de Brownsville, Texas, as crianças tinham entre 10 e 17 anos e foram detidas quando atravessavam a fronteira entre o México e os Estados Unidos ilegalmente (CUNHA, 2018). As condições precárias chegaram ao ponto de que, segundo o Washington Post, o Departamento de Saúde e Serviço Social (HSS), órgão responsável por cuidar das crianças

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

refugiadas sob responsabilidade do governo estadunidense, ao senado relatou o desaparecimento de, aproximadamente, 1.500 crianças. (CRESCER ONLINE, 2018).

De acordo com a ACNUR (2016), as falas de Trump que desqualificam os imigrantes e, consequentemente, a atuação desses no mercado de trabalho, cria uma distorção de algo positivo muito importante que acontece com a integração dos imigrantes no mercado de trabalho, o desenvolvimento. De acordo com Filippo Grandi, membro da Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento (OCDE) relatou:

> A integração é um processo de duas vias e dinâmico, que exige tanto do indivíduo como da sociedade que façam esforços consideráveis. Para que possam desempenhar um papel pleno na vida social, econômica e cultural do seu país de acolhimento, os refugiados necessitam alcançar a igualdade de direitos e oportunidades (GRANDI, 2016).

E depois disso, foi reforçada a mensagem com a exemplificação de Albert Einstein, um dos grandes nomes da Física, ser um refugiado (ACNUR, 2016).

Desde o dia 25 de janeiro de 2017, em que Donald Trump assinou um decreto determinando a construção de um muro na fronteira com o México a fim de impedir a entrada de imigrantes ilegais. A ONG estadunidense, *No More Deaths* ou *No Más Muertes* (traduzido por Chega de Mortes), incentiva o voluntariado em ações mais específicas nas regiões da fronteira que buscam ajudar em questões como a de suplementação, a fim de garantir mais dignidade aos imigrantes. Entretanto, em 2018, o grupo relatou que a patrulha da fronteira com o México estaria destruindo sistematicamente os suprimentos que seriam destinados à sobrevivência dos migrantes, segundo o grupo em seu relatório essa ação representa uma "cultura da desumanização" do órgão de Alfândega e Proteção de Fronteiras (YANG, 2018).

Logo, nota-se que tanto o desempenho das Organizações Internacionais, como das Organizações Não-Governamentais para a humanização do migrante assegurar o que é previsto pelos direitos humanos que é resguardado pela ONU, um órgão respeitado mundialmente, além da luta por mais dignidade no mercado de trabalho e contra os preconceitos, como racismo e xenofobia pregados por Trump em sua campanha e durante todo o seu mandato. As manifestações dessas entidades internacionais possibilitaram maior visibilidade e trouxeram o peso de argumento de autoridades respeitadas globalmente.

Ações artísticas também foram importantes para positivar o discurso pró-imigrançio e fomentar o combate da postura violenta e securitizadora de Trump. Uma delas aconteceu em 2019, quando o projeto "*Teeter-Tootter*", que consistia em três gangorras pintadas de rosa que permitiriam que as crianças dos dois lados da fronteira brincassem simultaneamente, que

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

antes estava sendo exibido no Museu de Arte Moderna de Nova York compondo o standard de soluções arquitetônicas para a crise global dos refugiados, foi instalado em trechos do muro que dividia El Paso (Texas, EUA) e Ciudad de Juárez (Chihuahua, MX), região de fronteira marcada pela violência (AFP, 2019).

O projeto havia sido elaborado pelo arquiteto Wall Ronald Rael e pela designer Vigília San Fratelli, mas chegou ao muro, de fato, por uma iniciativa de dois estudantes residentes dos EUA e um coletivo mexicano chamado Chopeke que instalou o conjunto de gangorras que sua cor dialogava. A ideia por trás do projeto que ganhou versão interativa tinha o objetivo de permitir a interação entre as duas nacionalidades, estadunidense e mexicana, que estavam separadas pela estrutura do muro que dividia a fronteira dos países. E, dessa forma, não só impactar com o uso pelas crianças na região onde foi instalada, mas também engajar na internet essa reflexão sobre a presença do muro, de modo a ampliar a discussão sobre o relacionamento entre as duas nacionalidades nessa região. Deste modo, o projeto consegue humanizar a relação entre essas nacionalidades e a questão migratória, já que a nacionalidade torna-se um fator secundário frente à possibilidade de compartilhar, integrar e construir juntos aquele breve momento do experimento interativo (AFP, 2019).

Figura 6- "*Teeter-Tootter*"

Fonte: CASA VOGUE, 2019

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Outra iniciativa artística que se soma às ações para enfraquecer o medo e o terror pregado nos discursos de Trump foi o Muro da Irmandade criado pelo artista mexicano Enrique Chiu com ajuda de vários voluntários. O objetivo deles era escrever nos murais mensagens positivas que transmitissem paz para as pessoas que cruzam a fronteira de carro ou a pé na região de Tijuana. E que o projeto estava sendo espalhado por outras cidades: Tecate, Mexicali, Ciudad Juárez e Nacozari, Reynosa. A ação de Chuiu é uma resposta de combate direto a um pronunciamento de Trump sobre o desejo de um muro grande e belo (GALVÃO, 2019).

Figura 7 – "Muro da Irmandade"

Fonte: CASA VOGUE, 2019

Ainda buscando a humanização da fronteira é criada uma sátira sobre a ideia do muro proposto por Trump, por um escritório de design da Malásia, *No-To-Scale Studio*, propõe a troca do muro por uma extensa mesa com mais de 3000 km para uma confraternização entre os dois lados (FISON, 2017). A ideia é discutir o fato de que uma fronteira depende da união de pessoas para funcionar, mostrando que o muro de Trump só iria representar uma estrutura alienante e ineficiente. Logo, o muro de Trump representaria uma medida disfuncional e desnecessária.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

Figura 8 - “Mesa de jantar”

Fonte: CASA VOGUE, 2019

Por fim, conclui-se que as ações promovidas pelas OIs, ONGs e movimentos artísticos conseguiram fomentar de maneira substancial o debate sobre os discursos e ações de Trump em seu mandato, o que possibilitou a ampliação de uma ótica mais humanizada e positiva sobre a entrada dos imigrantes latino-americanos no país estadunidense. Deste modo, tais ações contribuíram, principalmente, para o fortalecimento do respeito aos direitos humanos e para o enfraquecimento do apoio à política anti-imigratória de Trump, que é derrotado nas eleições de 2020 pelo democrata Joe Biden (CARVALHO, 2020).

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra Fria representou um grande conflito político, ideológico e militar, em escala global, tendo duas potências hegemônicas, EUA e URSS, em um intenso embate pelo alinhamento hegemônico mundial. Diante disso, os Estados Unidos buscavam um mundo alinhado ao sistema capitalista, enquanto a União Soviética queria o modelo socialista. O período foi marcado por uma grande onda de medo e tensão mundial devido ao poder bélico adquirido por ambas as potências sob as premissas do realismo.

Essas noções de segurança vinculadas ao realismo guiaram as duas maiores potências por praticamente toda a Guerra Fria. Entretanto, com o declínio da URSS e a ascensão do capitalismo como sistema hegemônico, dava-se início a um novo ciclo que romperia com essas noções, pautadas, a partir desse momento, pela corrente do construtivismo que emergiu no final da década de 1980 e passou a receber um notório reconhecimento na década de 1990.

Em meio a esse contexto, os Estados Unidos, que se posicionavam na Guerra Fria como uma nação modelo na promoção da democracia, apresentava ações que demonstravam um desejo diferente para as demais partes do mundo, em especial, para o continente americano ao qual pertence.

O forte imperialismo estadunidense imposto para combater o avanço do comunismo soviético afetou o desenvolvimento de diversas regiões da América Latina, majoritariamente, via intervenções militares em nome da segurança estadunidense e do combate ao avanço do comunismo soviético. Isso causou diversos danos aos países latino-americanos até o final da Guerra Fria, pois essa vigilância e controle dos EUA traumatizaram politicamente e economicamente a região, como foi demonstrado nos casos do México e América Central, que se mostraram regiões fortemente dominadas pelo imperialismo estadunidense durante a Guerra Fria e apresentam economias fragilizadas. Consequentemente, essa condição de periferia capitalista potencializaria o grande fluxo migratório já notado desde século XX na fronteira entre México e Estados Unidos.

Nesse contexto, surgiu a Escola de Copenhague. Apoiada em noções realistas e construtivistas, essa Escola desenvolveu a questão da segurança internacional e desbravou o conceito de securitização, no segmento dos Estudos de Segurança Internacional (ESI). Dentro disso, os Estados Unidos se destacaram ao apresentar dois casos de securitização do imigrante, em 2011, referente ao terrorismo no governo Bush e, em 2016, no governo Trump. Motivado pela responsabilização da situação de crise econômica e pela necessidade de uma narrativa eleitoral, os EUA securitizaram o imigrante latino-americano, principalmente aquele

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

em condição ilegal que atravessava a fronteira sul do país na divisa com o México.

A partir disso, surgiram leis cada vez mais restritivas e punitivas até a chegada do governo Trump, que adotou uma postura anti-imigratória extremamente criticada desde o período de campanha por promover xenofobia, racismo e outros tipos de violência por meio dos seus discursos, falas e comentários nas redes sociais. A divulgação de *fake news* e a política de Tolerância Zero foram contra os direitos humanos para aqueles imigrantes que não eram bem-vindos nos EUA.

Por sua vez, os veículos de comunicação tiveram um papel fundamental no combate dessa postura e dessa política de Trump. A pressão midiática somada aos esforços das instituições do Sistema Internacional deu visibilidade internacional à denúncia dos impactos da implantação da política de Tolerância Zero e formou uma rede de suporte na defesa dos direitos humanos e proteção aos imigrantes e refugiados em qualquer instância. Isso demonstra o poder de outros organismos internacionais, como ONGs e OIs, no combate dessa realidade enfrentada pelo imigrante, em especial, na fronteira do México com os Estados Unidos da América.

Os trabalhos artísticos também se somam aos esforços internacionais para visibilizar as questões migratórias, reforçando a ideia de incentivo à integração do imigrante dentro de qualquer país, em concordância com o que foi apresentado por meio do fortalecimento do debate sobre o funcionamento das fronteiras para além das determinações geográficas e territoriais de acordo com a visão tradicional, o que possibilitou a apresentação e o incentivo de uma nova perspectiva, a fim de humanizar esses espaços.

Percebe-se então que, em meio a um governo construído por *fake news*, Trump conseguiu securitizar a questão do imigrante, em especial do latino-americano, propagando informações pouco fundamentadas e estereotipadas, principalmente por discursos orais e redes sociais.

Por fim, esta pesquisa procurou destacar a importância das ações midiáticas, artísticas, OIs e ONGs para o combate dos discursos violentos de Trump baseados em discursos de ódio direcionados a imagem do imigrante latino-americano, mas, principalmente, como o processo de securitização de Trump na fronteira sul dos EUA infringiu a Declaração dos Direitos Universais Humanos, especialmente o Artigo XIII e a Convenção sobre os Direitos da Criança.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

REFERÊNCIAS

AGUERO GARCÍA, J. AMÉRICA LATINA DURANTE LA GUERRA FRÍA (1947-1989): UNA INTRODUCCIÓN. InterSedes, v.17, n.35, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15517/isucr.v17i35.25566>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

AMNISTÍA INTERNACIONAL. Victimas Invisibles. Migrantes en movimiento en México. London, 2010.

ACNUR. Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acessado em: 24 jul de 2021.

ACNUR. OCDE e ACNUR apoiam o aumento da integração dos refugiados. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/01/28/ocde-e-acnur-apoiam-o-aumento-da-integracao-dos-refugiados/>. Acesso em: 23 de abril de. 2023.

AFP. Fake news: os meios de comunicação contra-atacam. ESTADO DE MINAS, 2018. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/07/15/interna_internacional,973562/fake-news-os-meios-de-comunicacao-contra-atacam.shtml>. Acesso em: 31 maio. 2023.

AFP. Arquiteto instala gangorra na fronteira EUA-México em protesto contra políticas migratórias. FOLHA DE SÃO PAULO, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/arquiteto-instala-gangorra-na-fronteira-eua-mexico-para-criancas-dos-dois-lados-brincarem. shtml>. Acesso em: 15 de abril de 2023.

ALMENDRA, Carlos Cesar. A crise do México de 1994/1995 e o efeito Tequila na América Latina. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-14122022-150543/. Acesso em: 01 de junho de 2023.

AMARAL JUNIOR, Wellington Gontijo do. As políticas de imigração dos Estados Unidos: Entre o ativismo restricionista e o paradigma de enforcement imigratório contemporâneo. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2011.

AVILA et al, Fabrício. Armas Estratégicas e Poder no Sistema Internacional: O Advento das Armas de Energia Direta e seu Impacto Potencial sobre a Guerra e a Distribuição Multipolar de Capacidades. Rio de Janeiro, vol. 31, no 1, janeiro/abril 2009, p. 49-83. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/BmSRRJSg74wXWS7ksg3dBtw/?format=pdf>.

ARRUDA, José J. Nova história moderna e contemporânra: da descolonização da África e Oriente médio à Guerra do Iraque. 3v. Bauru: EDUSC, 2005.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Formação do Império americano. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. A desordem mundial: o espectro da total dominação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

BATISTA, Julia; SOUZA, Thomáz; MECHI, Patricia. O que mudou com a educação com as reformas neoliberais?. In: DESSOTTI, Fabiana. México e os desafios do progressismo tardio. Editora Elefante, 2019, p.162-169.

BOOTH, William.Washingtonpost.com: Myth of the melting pot: America‟s racial and ethnic divides. WASHINGTON POST, 1998. Disponível em: < https://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/longterm/meltingpot/melt0222.htm>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

BUZAN, Barry. As implicações do 11 de Setembro para o estudo das Relações Internacionais. Contexto Internacional, [S. I.], v. 24, 2002.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **The Evolution of International Security Studies.** 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security**: A New Framework for Analysis. Boulder: Lynne Rienner Publisher, 1998.

BUZAN, B; WAEVER, O. **Regions and Powers**: the structure of international security. New York: Cambridge University Press, 2003.

BUZAN, B. **People, State and Fear:** an agenda for international security studies in the post-Cold War era. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2. ed. 1991.

CARVALHO, Mario Cesar. Derrota de Trump permitirá medir o impacto das fake news nas eleições. Poder 360, 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/futuro-indicativo/derrota-de-trump-permitira-medir-o-impacto-das-fake-news-nas-eleicoes/>. Acesso em: 16 de abril de. 2023.

CARTA CAPITAL, 2017. O ódio, o medo e o racismo contra imigrantes da era Trump. Carta Capital, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/o-odio-o-medo-eo-racismo-contra-imigrantes-da-era-trump/>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

CARRILLO, J.; HUALDE, A.; QUINTERO, C. Maquiladoras en México. Breve recorrido histórico, Comercio Exterior, vol. 55, n° 1, México, 2005. P. 30-42.

CASSEL, R. S.; SERPA, R. P.; THUDIUM, G.; ROCHA, D. Q.; SANTOS, G. F.; CORREA, L. N.. Os Estudos de Segurança Internacional em Perspectiva Histórica: evolução teórica, regionalismo e a expansão da agenda securitária. In: XIV Congresso Acadêmico sobre Defesa Nacional, 2017, Resende. XIV Congresso Acadêmico sobre Defesa Nacional, 2017.

CASA VOGUE, 2019. 3 projetos que desafiaram Trump e o muro entre EUA e México. CASA VOGUE, 2019. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/LazerCultura/Arte/noticia/2019/08/3-projetos-que-desafiaram-trump-e-o-muro-entre-eua-e-mexico.html>. Acesso em: 31 de maio 2023.

CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais**. Brasília: FUNAG, 2012.

CELLAN-JONES, Rory. Como o Facebook pode ter ajudado Trump a ganhar a eleição. BBC,

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37961917> Acesso em: 30 de maio de 2023.

CEPIK, MARCO A. C. Serviços de inteligência: Agilidade e transparência como dilemas de institucionalização. TESE DE DOUTORADO, 2001. Disponível em: <https://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/9-teses/669-servicos-de-inteligencia-agilidade-e-transparencia-como-dilemas-de-institucionalizacao>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

Cf. CARLOS, Newton. Bush, 1984. Ditaduras impacientam Reagan. Folha de São Paulo, São Paulo, 1984.

CHARLEAUX, JP. A primeira bomba. O que sobrou? Nexo Jornal, 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/07/06/H%C3%A1-70-anos-os-EUA-lan%C3%A7avam-a-primeira-bomba- at%C3%B4mica-sobre-Bikini.-O-que-sobrou-hoje>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

CHESNAIS, F. A globalização e o curso do capitalismo de fim-de-século. Economia e Sociedade, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 1–30, 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643195. Acesso em: 1 jun. 2023.

CHOMSKY, Noam. **Novas e Velhas Ordens Mundiais**. São Paulo, Scritta, 1996.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro: Fake news e a crítica de Perseu Abramo 30 anos depois. Rumores, São Paulo, v. 12, n. 23, p. 56-82, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/144229/140804>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

CRESCER ONLINE, 2018. Estados Unidos perde cerca de 1.500 crianças refugiadas. CRESCER ONLINE, 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/05/estados-unidos-perde-cerca-de-1500-criancas-refugiadas.html>. Acesso em: 25 de abril de 2023.

CORREA, Alessandra. Nos EUA, deportações atingem recorde no governo Obama. BBC, 2010. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/11/101116_imigracao_eua_ac. Acesso em: 28 de maio de 2023.

CORTEZ et al, Ana C. O período de 1981 a 1985 do governo Reagan e o processo de consolidação dos EUA como principal potência mundial. Revista de Economia Politica Internacional. v. 21, n. 1, 2022. Disponível em:< https://revistas.ufrj.br/index.php/oikos/article/view/52078>.

CORONA, Sonia. “Pelo menos 545 crianças imigrantes retidas por Trump ainda estão perdidas dos seus pais”. EL PAIS, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-10-23/pelo-menos-545-criancas-imigrantes-retidas-por-trump-ainda-estao-perdidas-dos-seus-pais.html>. Acessado em: 3 de junho de 2021.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

CUETO, José C. Crise dos Mísseis de Cuba: o evento que quase levou à guerra nuclear entre EUA e URSS. BBC, 2022. Disponivel em: < https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63309793>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

CUNHA, Carolina. Imigração nos EUA: a política de tolerância zero e o drama das crianças na fronteira. UOL, 2018. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/imigracao-nos-eua-a-politica-de-tolerancia-zero-e-o-drama-das-criancas-na-fronteira.htm>. Acesso em: 22 de abril. 2023.

DAGIOS, Magnus. As insuficiências do neorealismo nas relações internacionais. In: Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, VII Edição, 2011, p. 275-285.

DE CARVALHO, S. et al. CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA: CONHECIMENTO E CUMPRIMENTO. UNICEF, 1989. Em: El cincuentenario de los Pactos Internacionales de Derechos Humanos de la ONU. [sl] Ediciones Universidad de Salamanca, 2018. p. 1649–1660.

DE LA GARZA et al, Rodolfo. (1996), “Will the real Americans please stand up: Anglo and Mexican-American support of core American political values”. American Journal of Political Science, 40 (2): 335-351.

DE OLIVEIRA, Guilherme Ziebell. A securitização do terrorismo internacional após 11 de setembro de 2001: o caso da Afríca, 2019. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/194458 Acesso em: 10/11/2022

DN, 2018. ONU: comentários de Trump sobre a ingestão são “racistas” e “chocantes”. DN, 2018. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/onu-comentários-de-trump-sobre-imigrantes-africanos-sao-racistas-e-chocantes-9042644.html>. Acesso em: 22 de abril de 2023.

DUQUE, Marina Guedes. O Papel da Síntese da Escola de Copenhague nos Estudos de Segurança Internacional: 3. ed. Rio de Janeiro: Contexto Internacional, 2009.

EURONEWS. A adoção da “Lei Patriótica” que permite uma tortura antiterrorismo . Disponível em: <https://pt.euronews.com/2014/12/09/a-adocao-da-lei-patriotica-que-permite-a-tortura-antiterrorismo>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Immigration Reform and Control Act of 1986. Lei 99-603, 6 nov. 1986. Disponível em: https://www.congress.gov/bill/99th-congress/senate-bill/1200. Acesso em: 18 de abril de 2023.

EFE. Trump chama “NBC” de “fraca e tola” e reafirma declaração sobre mexicanos. G1, 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/trump-chama-nbc-de-fraca-e-tola-e-reafirma-declaracao-sobre-mexicanos.html>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

EFE. Trump promete seguir 2 regras: “compre dos EUA e contrate americanos”. UOL, 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/01/20/trump-promete-seguir-2-regras-compre-dos-eua-e-contrate-americanos. htm>. Acesso em: 19 de jul. 2023.

EFE. Imigrantes grávidas detidas nos Estados Unidos são vítimas de maus-tratos. UOL, 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2018/07/10/imigrantes-

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

gravidas-detidas-nos-estados-unidos-sao-vitimas-de-maus-tratos.htm>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

FAUS, Joan. Crianças imigrantes relatam maus-tratos, frio intenso e humilhações em centros nos EUA. EL PAIS, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/19/internacional/1531961414_789237.html>. Acesso deem: 28 de abril e 2023.

FERNÁNDEZ, D. C. Chicanos. Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe. 2000. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-chicanos-2>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

FERNÁNDEZ, D. C. Coiotes. 2023. Disponível em: <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/c/coiotes>. Acesso em: 6 de junho de 2023.

MORGENTHAU, H.J. **A Política Entre As Nações**: A Luta Pelo Poder e Pela Paz. Editora da Universidade de Brasília. Brasília. 2003.

FEARON, J. D.; WENDT, A. **Rationalism v. constructivism: a skeptical view**. In: CARLNAES,W.; RISSE,T.; SIMMONS, B.A. Handbook of International Relations London: SAGE Publications, 2002.

FIGLINO, B. GUERRA FRIA: UM PERÍODO, TRÊS OLHARES. 2022. Disponível em: <https://www.inscricoes.fmb.unesp.br/upload/trabalhos/201652417328.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

FISON, L. No-To-Scale imagina a parede de Trump como uma mesa de jantar de 1.954 milhas de comprimento. DEZEEN, 2017. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2017/03/21/no-to-scale-donald-trump-wall-us-mexico-border-1954-mile-long-dinner-table/>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

FRAGA. Larissa Caldeira. O imaginário sobre os Estados Unidos no telejornalismo: O poder pelas armas e o racismo nos governos Barack Obama e Donald Trump no Jornal da Globo. 2021. Tese (Doutorado) – Comunicação Social, Universidade Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2021.

G1, 2018a. Por que os EUA estão separando crianças de seus pais na fronteira? G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/entenda-a-politica-de-separacao-de-criancas-imigrantes-que-causa-polemica-nos-eua.ghtml>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

G1, 2018b. Trump “encara” menina migrante separada da mãe em capa da “Time”. G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-encara-menina-migrante-separada-da-mae-em-capa-da-time.ghtml>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

G1, 2018c. Trump rebate campanha de jornais e acusa imprensa de publicar mentiras: “Honestidade vencerá!”. G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/08/16/trump-rebate-campanha-de-jornais-e-acusa-imprensa-de-publicar-mentiras-honestidade-vencera.ghtml>. Acesso em: 31 de abril de 2023.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

G1, 2018d. Facebook eleva para 87 milhões o no de usuários que tiveram dados explorados pela Cambridge Analytica. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/facebook-eleva-para-87-milhoes-o-n-de-usuarios-que-tiveram-dados-explorados-pela-cambridge-analytica.ghtml>. G1, 2018. Acesso em: 31 de maio de 2023.

G1, 2020. Após ter posts marcados como duvidosos pelo Twitter, Trump diz que vai "regular ou fechar" mídias sociais. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/trump-fala-em-regular-ou-fechar-plataformas-de-midia-social.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**, Trad. Sérgio Faraco, Porto Alegre: L&PM, 2010, p.7.

GALVÃO, Marley. Mural da irmandade: 4 mil voluntários dão cor à fronteira dos EUA com o México. CASA VOGUE, 2019. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/LazerCultura/noticia/2019/06/mural-da-irmandade-4-mil-voluntarios-dao-cor-fronteira-dos-eua-com-o-mexico.html>. Acesso em: 31 de abril de 2023.

GIORDANO, Samuel Ribeiro. Competitividade Regional e Globalização. Tese de Doutorado, 1999. Disponivel em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-26102001-142342/publico/TDESRG.pdf>.

GOMES, P. H. M. (2017). As organizações internacionais e pós-Guerra Fria. Fronteira: Revista De iniciação científica Em Relações Internacionais, 16(32), 204-228. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/14650>.

GONÇALVES, Sérgio S. A Nova Estratégia da Política Externa dos Estados Unidos no mundo pós-Guerra Fria. Tese de mestrado, 2004. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5395/5395_1.PDF>. Acesso em: 6 de junho de 2023.

GOIS, Ancelmo. OGLOBO, 2017. Disponivel em: https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/pobre-mexico-tao-longe-de-deus-e-tao-perto-dos-eua.html Acesso em: 30 de maio de 2023.

GUIMON, P. Líderes mundiais criticam o veto de Trump à entrada de refugiados nos EUA. EL PAIS, 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/29/internacional/1485703527_593538.amp.html>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

HERNANDEZ, Alberto Hernandez. La frontera México-Estados Unidos: asimetrías y transgresiones. Nueva Sociedad, Buenos Aires, nº289, p. 59-69, Setembro/Outuro, 2020. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/la-frontera-mexico-estados-unidos-asimetrias-y-transgresiones/>.

HERZ, John. **Idealist Internationalism and the Security Dilemma**. World Politics, Vol. 2, No. 2, 1950. p. 157-180

HOBBES, Thomas. Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. 3ª ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

HOBSBAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOPSTEIN, G. Imigração, Leis de. Disponível em: <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/i/imigracao-leis-de>. Acesso em: 24 de maio de 2023.

JONES, V. Trump: The social media president? CNN, 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/10/26/opinions/jones-trump-social-media/index.html>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

JUBILUT, L. L. **Migrações e desenvolvimento**. In: Alberto do Amaral Jr. (org.). Direito internacional e desenvolvimento. São Paulo: Manole, 2005, p. 123-154

JUBILUT, L. L. **O Direito Internacional dos refugiados e sua aplicação no ordenamento Jurídico Brasileiro**. [s.i.] Editora Método, 2007.

KARAM, Francisco. Ética, deontologia, formação e profissão: observações sobre o jornalismo. Estudos em Jornalismo e Mídia. v. 1 n. 1, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2206>. Acesso em: 2 de maio de 2023.

KARNAL, L. (org.). **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Contexto, 2011

KELLNER, Douglas. Trump and The politics of Lying. In: PETERS, Michael A; RIDER, Sharon; HYVONEN, Mats; BESLEY, Tina. Post-Truth, Fake News. Viral Modernity and Viral Education. Singapura: Springer, 2018.

KINDLEBERGER, C. P. The world in depression, 1929-1939: Revised and enlarged edition. [s.l.] University of California Press, 1986.

KITROEFF, N.; TURKEWITZ, J. Por que tantos imigrantes estão indo para a fronteira entre México e EUA? Entenda. Estadão, 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/por-que-tantos-imigrantes-estao-indo-para-a-fronteira-entre-mexico-e-eua/>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

KOUDELA, P. (2013). “A Brief History of Immigration Policy in the United States”. West Bohemian Historical Review, 3, 2: 43-65.

KUHN et al, B. A Doutrina Monroe e suas influências: impactos nas Américas. Artigo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/8848>. Acesso em: 6 de maio de 2023.

KURTZ, A.; YELLINM Tal. 10 gráficos mostram como a economia se saiu com Trump ante os demais presidentes. CNN, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/10-graficos-mostram-como-a-economia-se-saiu-com-trump-ante-os-demais-presidentes/>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

LANGER, A. Para Donald Trump, a tortura de presos “funciona”. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/564385-para-donald-trump-a-tortura-de-presos-funciona>. Acesso em: 1 de junho de 2023.

LIMA, Clarisse Laupman Ferraz. Organizações internacionais: teoria geral. Enciclopédia jurídica da PUC-SP. Celso Fernandes Campilongo, Alvaro de Azevedo Gonzaga e André Luiz Freire (coords.). Tomo: Direito Internacional. Cláudio Finkelstein, Clarisse Laupman Ferraz Lima (coord. de tomo). 1. ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/498/edicao-1/organizacoes-internacionais:-teoria-geral>.

LEGAL INFORMATION INSTITUCION, 2022. **Immigration and Naturalization Service (INS)**. LII, 2022. Disponível em: <https://www.law.cornell.edu/wex/immigration_and_naturalization_service_(ins)>. Acesso em: 31 de maio de 2023..

MARX, Karl. **O capital**, Volume I – Trad. J. Teixeira Martins e Vital Moreira, Centelha - Coimbra, 1974.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Trad.: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARINI, R M. Proceso y tendencias de la globalización capitalista (1997). En publicación: América Latina, dependencia y globalización. Fundamentos conceptuales Ruy Mauro Marini. Antologia y presentación Carlos Eduardo Martins. Bogotá: Siglo del Hombre - CLACSO, 2008

MARS, A. Trump declara emergência nacional para construir muro com México. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/15/internacional/1550242039_627838.html>. Acesso em: 19 de abril de 2023.

MATEOS et al, López. Celebration - Chamizal national memorial (U.S. national Park service). NPS, 2021. Disponível em: <https://www.nps.gov/cham/learn/historyculture/celebration.htm>. Acessado em: 1 de abril de 2013.

METRI, Maurício. A ascensão do dólar e a resistência da libra: uma disputa político-diplomática. In: VII Congresso da Associação Portuguesa de Ciência Política, em Coimbra, em abril de 2014. Primeira versão do artigo, denominada O dólar e a diplomacia norte-americana, p. 88.

MELO, I. As Crises do petroleo e seus impactos sobre a inflação do Brasil. Monografia, 2008. Disponivel em: https://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/trabalhos/files/Isabela_Esterminio_de_Melo.pdf>.

MURSE, T. Department of Homeland Security History. ThoughtCo, 2021. Disponível em: https://www.thoughtco.com/department-of-homeland-security-4156795 > Acessado em: 4 de abril de 2023

NACLA, 2007. Agribusiness and the United Fruit Company in Mexico. NACLA, 2007. Disponivel em: <https://nacla.org/article/agribusiness-and-united-fruit-company-mexico>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

NAFTA SECRETARIAT. Artigo 102: Objetivos. Disponível em: <http://www.nafta-sec-alena.org/en/view.aspx?x=343&mtpiID=122> Acesso em: 23 de maio de 2013.

NAPOLITANO, Marcos. Latinskaya Amerika: as relações entre a União Soviética e a AméricaLatina (1957-1962). Revista Eletrônica da ANPHLAC. nº 27, p. 379-402, Agosto/Dezembro, 2019.

NADDI, Beatriz. As relações Estados Unidos-México e a complexa integração entre países assimétricos. 2019. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/2aa19343-3c50-4c4b-bee6-af10086893f0/2998956%20Beatriz%20Naddi%20EUA-MX.pdf>. Acesso em: 6 de junho de 2023.

NATO, 2012. A Transformação da OTAN. NATO, 2012. Disponível em: <https://www.nato.int/nato_static/assets/pdf/pdf_publications/20120116_nato-trans-por.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

NOGUEIRA, Pedro. 900 crianças foram separadas dos pais nos EUA após ordem judicial proibindo a prática. BRASIL DE FATO, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/05/900-criancas-foram-separadas-dos-pais-nos-eua-apos-ordem-judicial-proibindo-pratica>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

OFFICE OF THE UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR HUMAN RIGHTS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em: https://www.ohchr.org/en/udhr/pages/Language.aspx?LangID=por. Acesso em: 3 de junho de 2023.

OGLOBO. Cinco Frases polêmicas de Trump contra imigrante. O GLOBO. Disponível em: https://oglobo.globo.com/mundo/cinco-frases-polemicas-de-trump-contra-imigrantes-16635773. Acessado em: 24 de jul 2021.

ONUF, Nicholas Greenwood. **World of our making**: rules and rule in social theory and international relations. Columbia, S.C.: University of South Carolina Press. 1989.

OEA. “Acta Final de la Octava Reunión de Consulta de Ministros de Relaciones Exteriores para servir de Órgano de Consulta en aplicación del Tratado Interamericano de Asistencia Recíproca”, Punta del Este, 31 de enero de 1962. Disponível em: <http://www.oas.org/consejo/sp/RC/Actas/Acta%208.pdf>. Acessado em: 2 de junho de 2011>.

PECEQUILO, C. S. As relações Brasil-Estados Unidos. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.

PERI, G. Immigrants, Productivity, and Labor Markets. Journal of Economic Perspective, 2016.

PNUD. Relatório de desenvolvimento humano regional 2021. Disponível em: <https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/migration/latinamerica/undp-rblac-IRDH-PNUD_Reporte_PT_ok.pdf> Acesso em: 20 de maio de 2023.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

PRADO, Sherri. REVISTA DA ESCOLA DE GUERRA NAVAL. nº 0, v. 11, 2008. Disponivel em: <www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000007/000007cb.pdf>.

PNUD. Human Development Report 1999: Globalization with a Human Face. Nova Iorque. 1999.

REVISTA CRESCER, 2018. A história por trás da foto da criança imigrante que viralizou. Revista Crescer, 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2018/06/historia-por-tras-da-foto-da-crianca-imigrante-que-viralizou.html>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

REUTERS. Comissária da ONU se diz "chocada" com tratamento dos EUA a imigrantes. Disponível em: <https://exame.com/mundo/bachelet-da-onu-se-diz-chocada-com-tratamento-dos-eua-a-imigrantes/>. Acesso em: 22 de abril de. 2023.

RUMBAUT, R. G. Imigração nos Estados Unidos: da grande inclusão à grande expulsão? Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/13/internacional/1484322393_809504.html>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

RODRIGUES, Robério Paulino. O colapso da URSS: um estudo das causas. 2006. Tese (Doutorado em História Econômica) Universidade de São Paulo, USP. Disponivel em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11072007-112541/publico/TESE_ROBERIO_PAULINO_RODRIGUES.pdf>.

SALAS, J. Robôs e „trolls", as armas que Governos usam para envenenar a política nas redes. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/22/tecnologia/1511352685_648584.html>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

SANCHES, Mariana. Medida de Trump para barrar imigração mira eleição, não proteção de empregos, dizem especialistas. BBC, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52404764#:~:text=A%20ordem%20executiva%20publicada%20por,irm%C3%A3os%20estrangeiros%20de%20cidad%C3%A3os%20americanos>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

SANTOS, M.. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. Hucitec: São Paulo, 1997.

SECCHI, E. T., FUR, R. (2018). A Divisão Internacional do Trabalho no Campo Socialista: Mito, Realidade e o Papel do COMECON. Revista Perspectiva: Reflexões Sobre a temática Internacional, 10(19). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/83218>.

SECRETARÍA DE RELACIONES EXTERIORES. Acerca de México. Disponível em: <https://embamex.sre.gob.mx/eua/index.php/es/enterate/391-acerca-de-mexico>. Acesso em: 6 de junho de 2023.

SADER, Emir. Ditaduras Militares – Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe. 2023. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-dictaduras-militares>. Acesso em: 9 de maio de 2023.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

SCHWALLER, Shannon. Operation just cause: The invasion of Panama, December 1989. Disponível em: <https://www.army.mil/article/14302/operation_just_cause_the_invasion_of_panama_december_1989>. Acesso em: 31 maio. 2023.

SILVA, J. M. As tecnologias do imaginário. Porto Alegre: 2. ed. Sulina, 2006.

SULLIVAN, E. Trump attacks „failing New York times‟ over tax scheme reporting. The New York times, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/03/us/politics/donald-trump-nyt-taxes.html>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

TIMES OF INDIA, 2016. Trump attacks media; calls CNN "Clinton News Network". TIMES OF INDIA, 2016. Disponível em: <https://timesofindia.indiatimes.com/us-elections-2016/Trump-attacks-media-calls-CNN-Clinton-News-Network/articleshow/53498246.cms>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

TONIAL, M. P. (2006). A política externa de Reagan e a redemocratização da América Latina (1981-1988). Anos 90, 13(23), 241–253. Disponivel em: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6403>.

TURIONI, Felipe. "A mais longa paralisação da história dos EUA e a queda de braço entre Trump e democratas". G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/01/12/a-mais-longa-paralisacao-da-historia-dos-eua-e-a-queda-de-braco-entre-trump-e-democratas.ghtml>. Acesso em: 11 de março de 2023.

THOMPSON, Ginger. Listen to children who‟ve just been separated from their parents at the border. PROPUBLICA, 2018. Disponível em: <https://www.propublica.org/article/children-separated-from-parents-border-patrol-cbp-trump-immigration-policy>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

UOL, 2015. De inde vem o fact-chacking?. UOL, 2015. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/institucional/2015/10/15/de-onde-vem-o-fact-checking>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

UOL, 2020. Trump já deu 20 mil declarações falsas ou enganosas, aponta levantamento. UOL, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/07/13/trump-ja-deu-20-mil-declaracoes-falsas-ou-enganosas-aponta-levantamento.htm>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

USCIS History Office and Library, 2012. Overview of INS History. Disponivel em: <https://www.uscis.gov/sites/default/files/document/fact-sheets/INSHistory.pdf>. Acesso em: 19 de abril de 2023.

VEJA, 2018. Trump fez uma média de 7,6 afirmações falsas por dia de governo, diz WP. VEJA, 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/trump-fez-uma-media-de-76-afirmacoes-falsas-por-dia-de-governo-diz-wp>. Acesso em: 31 maio. 2023.

VILLA, M.; Martínez Pizarro, J. Tendencias y patrones de la migración internacional en América Latina y el Caribe. In: SIMPOSIO SOBRE MIGRACIÓN INTERNACIONAL EM LAS AMÉRICAS, San José, Costa Rica, CEPAL/BID/OIM/FNUAP, 2001.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08

VIEIRA, Liszt. Os argonautas da cidadania. A sociedade civil na globalização. São Paulo: Record, 2001. p. 116-125.

WENDT, A. **Anarchy is what states make of it**: the social construction of power politics. IN: VIOTTI, Paul. KAUPPI, Mark. 1992. International Relations Theory. p. 434-458.

WENDT, **A. Identity and Structural Change in International Politics**. IN:LAPID, Y; KRATOCHWIL, F. The Return of Culture and Identity in IR Theory. Lynne Rienner Publishers. London. UK. Cap 1. 1996.

WALTZ, K. N. **Theory of International Politics**. New York: McGraw Hill. 1979.

WOOD, Ellen Meiksins. **O império do capital**. Trad. Paulo Cézar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014.

YANG, Amy B. ONG acusa patrulha de fronteira de sabotar ajuda a migrantes nos EUA. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1953241-ong-acusa-patrulha-de-fronteira-de-sabotar-ajuda-a-migrantes-nos-eua.shtml>. Acesso em: 25 de abril de 2023.

XAVIER et al, Helena. A Política Nuclear Soviética: da Segunda Guerra Mundial ao SALT I. REVISTA PERSPECTIVA, Porto Alegre, ano 10, n. 19, agosto/setembro, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/viewFile/83792/49803#:~:text=29).&text=A%20Pol%C3%ADtica%20Nuclear%20S%C3%B3vi%C3%A9tica%3A%20Da%20Segunda%20Guerra%20Mundial%20ao%20SALT%20I.&text=Entende%2Dse%20o%20desenvolvimento%20de,internacional%20(BELL%2C%202016>. Acesso em: 7 de junho de 2023.

ZARPELÃO, Sandro Heleno Morais. Relação EUA-Brasil: A Doutrina Reagan e o Processo de Redemocratização Brasileiro (1981-1985). In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis. Anais Eletrônicos, 2015.

Versão Final Homologada
19/06/2023 11:08